



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA AURINEIDE DA SILVA

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ARROJADO**

MOSSORÓ

2020

MARIA AURINEIDE DA SILVA

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ARROJADO**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

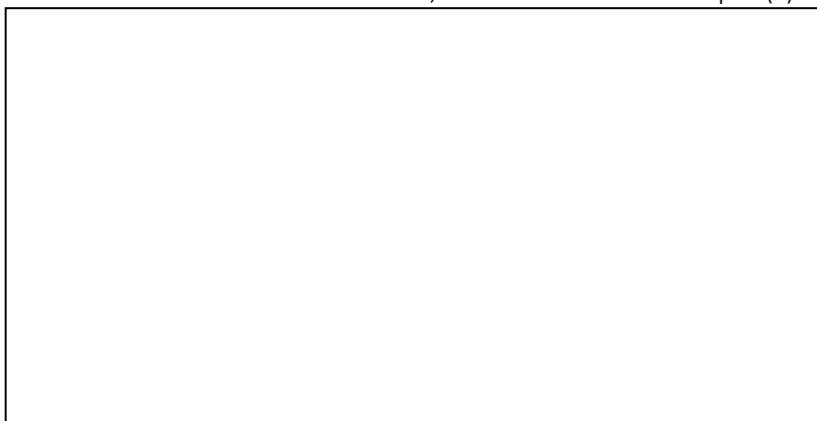
Orientadora: Prof. Me Ana Gabriela de Souza Seal

MOSSORÓ

2020

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas
da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)



O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

MARIA AURINEIDE DA SILVA

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ARROJADO**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciada em
Educação do Campo.

Defendida em: 23 / 12 / 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ana Gabriela de Souza Seal (UFERSA)
Presidente

Prof. Dra. Janaiky Pereira de Almeida (UFERSA)
Membro Examinador

Prof. Dra. Ana Cláudia Tavares (UPE)
Membro Examinador

Dedico este trabalho a minha vó Alaíde Maria da Conceição (In Memoriam) que me incentivou a sempre buscar o melhor para o meu futuro e foi com suas palavras de apoio que conseguir entrar na universidade. Também dedico ao meu avô Agenor Ricarte da Silva (In Memoriam) que sempre teve orgulho por ver a sua primeira neta entrar em uma universidade pública.

Dedico a minha mãe e ao meu pai que sempre estiveram presentes me incentivando, cujo mesmo sempre foram meu exemplo de sabedoria, humildade e perseverança, aos meus irmãos e meu noivo que sempre me apoiaram neste sonho de fazer um curso superior que para muitos do lugar que vivo era impossível alguém conseguir um dia realizar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido chegar até aqui, pois sem a sua presença em minha vida não teria conseguido chegar aonde estou hoje.

A minha mãe Maria da Conceição, meu pai Francisco Neto, Minha Irmã Antônia Aurinete e meu Irmão Antônio Júnior que constituí minha Família que depois de deus é tudo em minha vida e sem os mesmos não tinha base para ficar de pé nesta caminhada, que apesar das dificuldades enfrentas não me desanimaram em momento algum. Foi eles que me deram força para que não fraquejasse.

Ao meu noivo Thiago Saturno por todo apoio e incentivo e principalmente pela paciência durante a minha caminhada para chegar até aqui.

A minha amiga que me apresentou a oportunidade de entra neste curso Nilbemara Simplício, com seu carisma e responsabilidade me ajudou a se inscrever e me convidou a morar na Cidade de Mossoró/RN, junto com ela e sua família. Foi de fundamental importância para mim estar hoje aqui, pois sem isso não teria conseguido.

Agradeço aos meus colegas de turma que contribuíram para meu crescimento e aprendizagem e em especial as minhas amigas Joedna Nobre, Suzane Morgane e Sara Hanany que conviveram todo esse tempo me dando apoio e colaborando em todas as atividades desenvolvida no longo do curso. E todos os amigos e colegas que estiveram comigo neste percurso.

A Francisco Luciano e Antônia Rikália que abriram as portas da sua casa para que eu pudesse realizar trabalhos acadêmicos no seu computador já que no início da faculdade não tinha condições de possuir um para as produções acadêmica na minha comunidade.

A meus vizinhos e amigos enquanto moradora do Bairro Boa Vista na cidade de Mossoró/RN, que sempre estiveram presente, ajudando de todas as maneiras, em especial a Ceição e Wendel que me trataram como filha durante os dois anos que estive morando neste bairro como a sua vizinha, a Luciana e Hubenner pela a amizade e por sempre estiverem prontos para ajudar. E aos demais que contribuíram de alguma forma na minha formação acadêmica.

Agradeço a minha orientadora Ana Gabriela de Souza Seal, por toda dedicação e paciência, em todo esse tempo me orientando, pois os aprendizados foram essenciais na minha vida pessoal e acadêmica.

E a todos os discentes, docentes e gestora que colaboraram com a pesquisa, pois sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

RESUMO

O referido trabalho de conclusão de curso, apresenta uma pesquisa sobre a alfabetização de criança e adolescente da comunidade quilombola do Arrojado, situada no Município de Portalegre/RN. O interesse por apresentar este tema, foi mostrar uma pesquisa sobre alfabetização de uma comunidade quilombola desenvolvida por uma pesquisadora oriunda desta comunidade. O objetivo geral de pesquisa foi compreender as atuações dos docentes no âmbito da alfabetização das crianças e adolescentes da Comunidade Quilombola do Arrojado. Como embasamento teórico nos referendamos em autores que versassem acerca das questões a respeito da alfabetização, educação do campo e educação quilombola. A pesquisa se constituiu como qualitativa, utilizando como instrumentos de coleta o diagnóstico de alfabetização, as entrevistas e observações de sala de aula. Foram aplicados dois diagnósticos com os discentes da comunidade quilombola Arrojado, que apontaram quais as hipóteses de escrita alfabética que estes apresentavam. As entrevistas com a gestora e com docentes da escola municipal que recebia esse alunado quilombola buscou a visão da gestão escolar sobre essa comunidade e com os docentes procurou as metodologias diferenciadas de acordo com a vivência em sala de aula. Como resultados percebemos que a gestão da escola apresentou preocupações no atendimento destes alunos, tanto no que diz respeito aos matriculados quanto aos egressos. Os docentes apontaram o aspecto das faltas às aulas dos alunos da comunidade e indicaram uma preferência destes por uma metodologia de acordo com o planejamento unificado. Dessa maneira conclui-se que é de grande importância pesquisar sobre as aprendizagens de comunidades quilombolas, já que geralmente se encontram longe dos grandes centros urbanos e não são discutidos dentro da academia os processos de alfabetização quilombolas.

Palavras-chave: Alfabetização quilombola; Educação do campo; Educação quilombola

ABSTRACT

The aforementioned work concludes the course, presents a research on the literacy of children and adolescents from the quilombola community of Arrojado, the present work was carried out in this community located in the Municipality of Portalegre / RN. The interest in presenting this theme, was to show a research on literacy of a kilombola community developed by a researcher from this community. The general objective of the research was to understand how the teachers work in the context of the literacy of children and adolescents in the kilombola do Arrojado Community. As a theoretical basis, we refer to authors dealing with questions about literacy, rural education and quilombola education. The research was constituted as qualitative, using as a collection instrument the diagnosis of literacy, considers and resolving them in the classroom. There were two diagnoses with students from the Arrojado kilombola community, which pointed out the hypotheses of alphabetic writing they presented. The services provided to the manager and teachers of the municipal school that received this quilombola student sought the view of school management about this community and with teachers as the different methodologies according to the experience in the classroom. As a result, we realize that the school management has concerns in serving these students, both with regard to enrolled and alumni. The teachers pointed out the aspect of class absences of students from the community and indicated a preference for this methodology according to the unified planning. Thus, it is concluded that it is of great importance to research on the learning of kilombola communities, since it is generally far from large urban centers and quilombola literacy processes are not discussed within the academy.

Keywords: Kilombola literacy; Field education; Kilombola Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Primeira questão do diagnóstico.....	31
Figura 2	–	Segunda questão do diagnóstico.....	31-32
Figura 3	–	Terceira e quarta questão do diagnóstico.....	32
Figura 4	–	Quinta questão do diagnóstico.....	32-33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Artigos sobre alfabetização quilombola.....	28
Quadro 2	–	Total de docentes que participaram da entrevista	43-44
Quadro 3	–	Total de discentes que participaram do diagnóstico.....	49-50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Dr	Doutor
LEDOC	Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Me	Mestre
MEC	Ministério da Educação
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SECADI	Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL.....	15
2.1	ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL.....	16
2.2	A ALFABETIZAÇÃO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	18
2.3	A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL.....	22
2.4	DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO QUILOMBOLA.....	27
3	METODOLOGIA.....	29
3.1	A ALFABETIZAÇÃO PRESENTE EM TODOS OS CAMPOS DE PESQUISA.....	29
3.2	DIAGNÓSTICOS.....	30
3.3	ENTREVISTAS.....	32
3.4	OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA.....	34
3.5	CAMPO DE PESQUISA.....	34
3.6	ESCOLAS QUE RECEBEM OU JÁ RECEBERAM OS DISCENTES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ARROJADO.....	39
3.7	SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA.....	42
4	ANÁLISE E RESULTADO.....	44
4.1	ENTREVISTAS COM GESTORA E DOCENTES.....	49
4.2	OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA.....	55
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

O meu interesse nesse tema de pesquisa partiu de minha vivência como moradora nesta comunidade. Por ter vivenciando meu processo de alfabetização e demais estudos nesta localidade acreditei que este tema teria relevância em ser explanado na pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso. Por sempre morar nesta comunidade e por estar me graduando em uma licenciatura tive a necessidade de estudar a alfabetização dessas crianças que não chegavam a concluir o Ensino Fundamental dentro de sua faixa etária.

O que me incentivou ainda mais em pesquisar este tema, foi que ao pagar a disciplina Alfabetização e Letramento, realizei o primeiro trabalho com essas crianças, na qual realizei um diagnóstico com alguns discentes. Senti necessidade de me aprofundar neste tema que é a alfabetização, pois falar em alfabetização é envolver uma série de fatores que apresentarei alguns dentro do texto nas vozes de vários autores que trabalham com essa temática.

E quando falo sobre a alfabetização de comunidades quilombolas, não é fácil encontrar trabalhos com essas temáticas, como apontaremos mais à frente. Dessa maneira, é bastante importante focar a educação quilombola no viés da alfabetização, já que não se encontram em quantidade significativa trabalhos com essa temática.

Dessa maneira, o meu interesse partiu de um fator pessoal em saber como se encontravam as hipóteses de escrita ¹desse discentes quilombolas.

Sou filha da comunidade quilombola e a primeira pessoa da comunidade a entrar em uma Universidade. Não foi um caminho fácil! E para meus pais, estudar além do Ensino Médio era para quem tinha dinheiro. Como sou filha de agricultores e quilombolas que sempre se encontraram em situação de vulnerabilidade, o sonho de entrar em uma universidade ficava mais distante ainda da nossa realidade.

Porém esse sempre foi meu maior sonho, entrar em uma universidade. Hoje posso dizer que sou a primeira a fazer um curso superior dentro da minha família e também na comunidade quilombola Arrojado.

A partir dessa realidade me propus a realizar minha pesquisa dentro da minha própria comunidade, pois tinha como propósito levar a voz da minha comunidade como pesquisadora

¹ Segundo Ferreiro (1987), Hipótese de escrita – desde quando a criança faz relação com formas gráficas e os seus significantes orais como hipótese pré-silábica, silábica, silábica alfabética e alfabética.

e não apenas como sujeito que faz parte do objeto de pesquisa. Nós de comunidades quilombolas geralmente estamos sendo pesquisados por pesquisadores externos, que buscam estudar a nossa territorialidade. Mas essa pesquisa é fruto de uma pesquisadora que reside no seu campo de pesquisa e deseja entender a complexidade de sua localidade. Neste momento em especial, procuro entender a alfabetização de minha localidade.

Esta pesquisa mostra como está sendo a alfabetização em uma localidade que se sabe muitas vezes negadas pela sociedade, historicamente marginalizadas. Dessa forma esta pesquisa busca mostrar a importância de se resgatar a potencialidade dos processos que envolvem as pessoas desses lugares.

E esse tema trabalhado é de grande relevância para a academia de forma geral, pois retrata um tema que é ainda no século XXI, pouco discutido que é a alfabetização em comunidades quilombolas.

Esses dados podem contribuir como embasamento para futuras pesquisas dentro desta área, já que é um assunto ainda pouco discutido, principalmente nos sites bem conceituados e em eventos nacionais² como será visto no corpo deste trabalho. Além disto este resultado poderá fazer com que outros pesquisadores tenham interesse de se aprofundar sobre o tema de alfabetização de crianças e adolescentes de comunidades quilombolas.

Voltaremos o olhar para parte social que essa pesquisa abrange, podemos falar das escolas que na maioria das vezes não se encontram dentro das comunidades quilombolas, e esses discentes tem que se deslocarem para terem acesso à educação. Além de saírem de sua própria comunidade, ainda se encontram em instituições que não possuem como característica principal atender - na totalidade do termo, resgatando sua história, cultura e cotidiano - a comunidade quilombola.

Nesta pesquisa nos propomos a refletir sobre os processos de alfabetização das crianças e adolescentes da comunidade quilombola do Arrojado. De início foi aplicado diagnósticos com os alunos residentes na comunidade para podemos visualizar como está o seu nível alfabético. Dessa maneira esta pesquisa se iniciou a partir da seguinte indagação: “Quais são as ações realizadas pelos docentes para a alfabetização das crianças e adolescentes da Comunidade Quilombola do Arrojado?”

A partir dessa indagação que iniciei minha pesquisa para saber como se encontrava as ações dos docentes a respeito da alfabetização, que me trouxe como objetivo geral compreender as atuações dos docentes no âmbito da alfabetização das crianças e adolescentes

² SciELO – Scientific Electronic Library Online
ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

da Comunidade Quilombola do Arrojado. Neste elenco trouxe como respostas as vozes dos docentes, gestores e discentes que foram os sujeitos colaboradores da pesquisa. Na tentativa de identificar as possíveis causas que levam as crianças e adolescentes quilombolas a não obterem a alfabetização na idade regular.

Um dos objetivos específicos foi também analisar as propostas metodológicas utilizadas pelos docentes que pudessem vir a contribuir na alfabetização das crianças quilombolas na idade regular dos primeiros ciclos do Ensino Fundamental.

Já o último objetivo específico veio analisar as adequações dos planejamentos dos docentes para as intervenções dos alunos da Comunidade Quilombola do Arrojado, como estava sendo mostrado no corpo do trabalho.

2 A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A pesquisa na qual realizei como Trabalho de Conclusão de curso é de grande relevância para sabermos como a educação nos dias de hoje é refletida na escola do campo em especial com as crianças e adolescente de uma comunidade quilombola.

Os discentes Quilombolas buscam se deslocarem do local que reside para ter acesso a uma escola em outra comunidade que não é quilombola, e através desta pesquisa descobrimos se os mesmos estão conseguindo adquirir a alfabetização de acordo com a sua idade e série na qual estão inseridos.

Para que seja obtido novos conhecimentos sobre a alfabetização é importante que haja uma pesquisa específica, desta forma busquei pesquisar sobre a referida comunidade quilombola do Arrojado acerca da alfabetização dos sujeitos, quais os níveis que eles se encontram, e se o papel dos docentes pode interferir. Sabemos que a alfabetização no Brasil ainda não é o um exemplo para os demais países e a maioria das escolas que apresentam índices baixos estão inseridas nas populações de baixa renda, dando a impressão de que as crianças pobres têm um atraso em relação das classes alta onde na verdade apenas a prática de ensino da escola não atende as necessidades das crianças.

Estudar sobre a alfabetização é voltar o olhar para um tema bastante discutido no Brasil, porém com muito ainda para ser pesquisado, neste caso trabalho com a alfabetização de crianças e adolescentes quilombola, para saber como está o cenário desta educação no âmbito de uma escola de classe popular. Como cita Moraes (2012) o fracasso da alfabetização nas escolas brasileiras tem atingido exclusivamente as classes baixas na qual não tem condições econômicas que possam colocarem em uma escola particular como fazem as

pessoas que tem melhores condições de vida que pagam para que seus filhos se alfabetizem nos primeiros anos escolares.

Com estas afirmações sobre o fracasso da alfabetização volto meu olhar para as práticas de ensino da escola na qual realizei minha pesquisa para saber se os educandos chegam a ser alfabetizados nos primeiros anos do ensino fundamental, pois anteriormente como aponta a pesquisa exposta por Moraes (2012) o nível de analfabetismo no Brasil era alto cerca de 40% nos anos de 1940, já nos anos de 2010 baixou para 9,6%, ocorrendo uma diminuição, porém ainda estando longe de alcançar o nível dos países desenvolvidos, que mostra em suas pesquisas que o analfabetismo é mínimos em suas populações.

Para que este número diminua é preciso que a escola tenha mais participação pois o processo de alfabetização é um momento que os aprendizes precisam de um acompanhamento. Como aponta Moraes (2012) o aprendiz da escrita alfabética não está com as regras prontas e disponível em sua mente, elas não sabem como as letras funcionam e para que eles saibam é preciso de acompanhamento pois eles não têm que aprender sozinhos. Na realidade existem fases na qual essas crianças passam para chegar a uma compreensão de fonema, sílabas ou de palavras isso tudo se dá por meio dos Sistema de Escrita Alfabética, descrito por Ferreiro em seus estudos. Apresentamos durante o trabalho a importância de se trabalhar com essa autora, no que rege a psicogênese da língua escrita. E esta discussão se revela dentro do campo da pesquisa dos diagnósticos dos discentes, apontando a hipótese de escrita alfabética de cada um na qual se divide em quatro sendo elas: Pré-Silábica, Silábica, silábica-Alfabética e alfabética.

2.1 ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A alfabetização é uma questão discutida pelos vastos campos da educação, pois este, é o caminho de oportunidade para os discentes desenvolverem o ensino-aprendizagem, dentro do campo de ensino, por isso é de suma importância a criança e adolescente obterem uma alfabetização de qualidade.

Dessa forma trabalhar a questão da alfabetização é envolver todos os vieses da educação, para então avançarmos na educação como um todo. Sabemos os obstáculos de se trabalhar um processo alfabetizador, por exigir tempo e por existir vários níveis de hipóteses alfabéticas para então se tornar alfabetizado.

A questão da alfabetização no Brasil está historicamente marcada pelo seu fracasso como cita Moraes (2012), diferentemente dos outros países latino-americanos como Uruguai,

Argentina, Chile, Paraguai e Colômbia que apresenta dados de analfabetismos menores que no Brasil.

O Brasil se encontra com o nível de crianças que não consegue chegar no final do terceiro ano do Ensino Fundamental I letrado e alfabetizado, como aponta Moraes (2012, p. 23) “[...] que o processo de alfabetização pode “se arrastar”, sem que as crianças cheguem ao final do terceiro ano fundamental com um domínio das correspondências grafema-fonema de nossa língua, que lhe permita ler e escrever pequenos textos com autonomia.”

A alfabetização e o letramento são dois termos que estão precisamente juntos, neste caso é preciso ser visto de forma diferente, pois cada um deles tem sua significância de grande pertinência para serem discutidas no nosso país. Dessa maneira, irei relatar sobre esse assunto e como está sendo abordado no viés da educação.

A alfabetização e o letramento são bastantes discutidos pela autora Soares (2004, p.7) que aponta os conceitos dos dois temas tratados:

No conceito de alfabetização nos censos demográficos, ao longo das décadas, permitem identificar uma progressiva extensão desse conceito. A partir do conceito de alfabetizado, que vigorou até o Censo de 1940, como aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome; passando pelo conceito de alfabetizado.

Essa alfabetização era uma maneira apenas de declarar o maior número de alfabéticos, porém diferentemente de hoje, existe várias fases para se chegar a uma hipótese alfabética. Sabemos a necessidade de os discentes apresentarem uma alfabetização para além de uma denotação de escrita.

Para que os discentes entendam a prática do letramento e a alfabetização é preciso refletirem sobre cada som das letras nas quais estão aprendendo. Diante disto o conceito de alfabetização e letramento no Brasil, estão sempre interligados como aponta Soares (2004, p. 8):

No Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos processos, com prevalência do conceito de letramento, por razões que tentarei identificar mais adiante, o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino *desinvenção da alfabetização*.

Como podemos visualizar não podemos separar esses dois termos, pois um termo precisa do outro para acontecer um aprendizado completo por parte das crianças em processo

de alfabetização. É preciso apresentar uma escrita, uma leitura e as interpretações dessas práticas relevantes para a sociedade, na qual a alfabetização propõe expor dentro deste contexto.

Desta forma é de extrema importância saber que a alfabetização é o viés para descobrir a escrita e a leitura como sistemas notacionais como explica o autor Morais (2012). A escrita alfabética é um sistema notacional e não um código, porque quando estuda o código os alunos apenas memorizam as palavras estudadas e para decorar precisa antes saber sobre os símbolos do sistema notacional, e o mesmo domine a memorização dos códigos.

Para sabermos se a criança está desenvolvendo sua escrita de maneira evolutiva precisamos observar o pertencimento da mesma ao sistema de escrita alfabética que não acontece de maneira rápida, precisando haver metodologias como cita Morais (2012, p. 113):

[...]ressaltamos a necessidade de reinventarmos a alfabetização, assumindo que precisamos ter metodologia para ensinar a escrita alfabética e que tais metodologias não devem ser confundidas com os velhos métodos de alfabetização.

Portanto, diante deste ponto de vista venho a observar as metodologias dos professores, e investigar a alfabetização das crianças e adolescente, mesmo sabendo que o nível de alfabetização do Brasil se encontra ainda muito baixo em relação aos outros países, mesmo tendo ocorrido uma diminuição dos anos de 1940 para os anos atualmente.

E com a chegada da discussão dos livros de Emília Ferreiro no Brasil sobre a alfabetização nos anos de 1980, foi uma verdadeira revolução neste meio, pois a autora falava sobre a psicogênese da língua escrita e criticava a alfabetização tradicional. Dessa maneira tomei como base seu estudo para trabalhar dentro dos diagnósticos das crianças e adolescente sobre os níveis de hipóteses alfabéticas sendo elas: Pré-Silábico, Silábico, Silábico-Alfabético e Alfabético.

Dessa maneira ênfase dentro da minha pesquisa sobre a alfabetização de crianças e adolescentes, apontado que a maioria dos sujeitos não alfabetizados, estão em escolas do campo, em relação a este assunto irei apresentar um pouco sobre a educação do campo.

2.2 A ALFABETIZAÇÃO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Trabalhar a alfabetização no âmbito campesino, ainda hoje é um desafio pois são pouca as pesquisas relacionadas com essa temática, abrindo uma discussão maior quando está

relacionada com a educação do campo. Dessa maneira irei apresentar autores que discutem sobre esta temática dando ênfase a importância de se trabalhar nesses espaços de construção educativa.

A educação do campo é direito dos sujeitos que estão inseridos naqueles locais onde muitas vezes são esquecido ou até mesmo negado o direito de terem uma educação de qualidade, pelo simples fato de estarem inserido em um lugar longe da zona urbana assim como cita Fernandes; Cerioli e Caldart (2011, p.21):

Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdade, de considerar a maioria da população que vive no campo como a parte atrasada e fora de lugar no almejado projeto de modernidade. No modelo de desenvolvimento, que vê o Brasil apenas como mais um *mercado emergente*, predominante urbano, camponeses e indígenas são vistos como espécies em extinção.

Essa é a ideia que muitos tem do campo, um lugar de atraso aonde somente chega uma educação que muitas vezes não é de qualidade, mas apenas um faz de conta, na qual os povos achem que aquele lugar está recebendo uma educação, mas na verdade as práticas educativas não chegam a diminuir o analfabetismo. Segundo Fernandes; Cerioli e Caldart (2011, p.28):

Nos documentos oficiais sobre a educação no Brasil a população rural aparece apenas como dado. São números citados de uma população esquecida. São apenas quantidade ou, no máximo referências marginais e pejorativas. É como se a diferenciação entre o rural e o urbano não fizesse mais sentido, uma vez que a morte do primeiro já estaria anunciada.

Esse fato tem que ser mudado para que a educação prevaleça de forma que os educandos do campo tenham uma educação que desenvolva a sua realidade e para que isto aconteça a educação do campo propõe está presente para que os educandos que estão inseridos nestes espaços tenham o seu direito garantido, e não precise sair do campo para estudar na cidade e ter garantia de uma educação de qualidade, por mais que saibamos que esse é um grande desafio como aponta Fernandes; Cerioli e Caldart (2011, p.34-35):

Os principais problemas da educação no meio rural hoje. O primeiro deles é a própria escassez de dados e análises sobre este tema, o que já identifica o tipo de tratamento que a questão tem merecido, tanto pelos órgãos governamentais quanto pelos estudiosos. [...] analfabetismo. Os dados do IBGE de 1995 apontam que 32,7% da população rural, que tem acima de 15 anos, é analfabeta.

E desta forma é de grande valia salientar que esses analfabetismos se refletem no Brasil como um todo, e para o nosso Estado as pesquisas apontam que esses analfabetismos são elevados em pessoas de zonas rurais, segundo o Projeto Pedagógico do Curso/LEDOC (2013, P. 16):

No caso do Rio Grande do Norte, com uma população estimada em 3.338.198 habitantes (IBGE, 2012), aproximadamente 40% da população reside em áreas consideradas rurais. Em dados de 2006, o IBGE apontou 486.000 analfabetos nestas áreas, sendo 6,75% na faixa etária de 15-24 anos e 38,50% na faixa de 18-29 anos. Em consonância com esta situação e manifestando interesse em resolvê-la, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Norte (FETARN), o Movimento de Liberdade dos Sem Terras (MLST), o Movimento dos Sem Terras (MST-RN) e a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Estado do Rio Grande do Norte, mediante documento intitulado Movimentos Sociais, 2008, e encaminhado à Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte, apontam que o número de analfabetos no campo é expressivo, de modo que só na faixa etária de 18 – 29 anos de idade há 3.185 jovens agricultores analfabetos.

Com esses dados vemos a não existência de pesquisas suficientes mostrando a realidade dos povos camponeses. Com o não conhecimento da realidade reverter a situação na qual as mesmas vivem é impossível. Desta forma é preciso pesquisadores que tenham a disponibilidade de estudarem essas comunidades camponesas denominadas como esquecidas.

Partindo desta concepção os autores como Fernandes; Cerioli e Caldart (2011) apontam que a educação básica do campo precisa de políticas públicas com urgência que venha a garantir programas ou iniciativas continuadas de alfabetização para jovens e adultos para chegar a eliminar o analfabetismo do campo. Precisa-se de acesso à escola pública e gratuita de qualidade deste o Ensino Infantil até o Ensino Médio, dentre outras demandas, pois devemos observar os avanços necessários do campo.

Neste caso a educação básica para o campo é um direito que precisa estar prevalecendo para os educandos oriundos daqueles lugares, pois se não acontece essas políticas públicas não acontece uma educação de qualidade dentro das escolas que clamam por uma boa estrutura, de docentes qualificados para trabalharem na área dessa maneira. Dando o seu ponto de vista o autor Arroyo (2011, p. 71) afirma:

Eu vi aqui que esta visão negativa do campo e da educação não é verdadeira e espero que desapareça no horizonte das elites, dos educadores e do próprio povo. O que vocês estão colocando é outra compreensão e prática da educação básica: a escola rural tem que dar conta da educação básica como direito do homem, da mulher, da criança, do jovem do campo.

A educação do campo está em movimento para que as pessoas nestes espaços, possam ter acesso a uma educação que atenda a sua realidade e tenha uma contextualização nos assuntos estudados.

Como aponta Caldart (2011), o campo no Brasil está em movimento, para que todos reconheçam o valor deste lugar, no qual é preciso implementar novas políticas públicas buscando atender a realidade dos sujeitos inseridos nesses espaços.

A educação do campo no viés campesino e quilombola é de suma importância para os sujeitos, na qual é preciso professores formados com vivência em comunidade campesina, pois é de grande valia possuir essas experiências.

Para trabalhar com docentes oriundo de comunidades quilombola é preciso pesquisar como acontece a educação do campo na prática, investigar as metodologias que os docentes estão usando se estão buscando contextualizar a realidade dos discentes pesquisados e se existe um diálogo sobre esta educação. Segundo Caldart (2012, p. 260):

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo[...]

Educação do Campo, é de inteira importância para os povos do campo pois ela tem um intuito de trabalhar de acordo com a realidade apresentada naquele determinado local. Tendo na sua base uma pedagogia da alternância, dando oportunidade para que aqueles sujeitos possam ter o direito ao acesso à educação, sem apresentar questionamento referente as suas atividades realizadas no cotidiano. Dessa forma Caldart (2012, p. 263) aponta que a educação do Campo:

Constitui-se como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação (e não a qualquer educação) feita por eles mesmos e não apenas em seu nome. A Educação do Campo não é para nem apenas com, mas sim, dos camponeses, expressão legítima de uma pedagogia do oprimido.

Dessa maneira é de suma importância trabalhar a alfabetização dentro da educação em uma escola do campo, com o enfoque principal em visualizar se a mesma trabalha de forma contextualizada para que esses discentes cheguem a ter um aprendizado de qualidade de acordo com sua vivência no seu cotidiano.

A alfabetização no âmbito campesino, desde o princípio não foi prioridade dos órgãos responsáveis, sendo que a prioridade sempre foi a educação no meio urbano. Dessa forma a alfabetização é bem mais precária que em outros lugares, justamente pelo fato que a educação nas comunidades rurais como o todo não se apresenta eficaz como aponta Silva (2015, p.5): “A consequência dessa inspiração no paradigma urbano é tratar o campo como espaço secundário, sendo necessárias somente políticas de adaptação, por isso a pouca prioridade de políticas públicas para os sujeitos do campo se constitui em uma realidade.”

A exemplo disso os assuntos sobre a alfabetização no campo são poucos discutidos, porém deveríamos tratar os sujeitos do campo com mais prioridade em relação a alfabetização desses sujeitos, tendo uma maior precariedade nessas áreas e em muitas outras que é negado para o campo.

Dessa forma devemos procurar saber que a alfabetização é um assunto que deve ser discutido e considerar o sujeito do campo protagonista dos seus saberes vivenciado na sua realidade como aponta Silva (2015, p. 4):

considerar o campo como um local onde os sujeitos que ali vivem são produtores de cultura, de existência, de saberes, de identidades, defende uma formação de educadores que esteja voltada para essas produções específicas dos sujeitos visando sua permanência e sua qualidade de vida no/do campo.

Falar sobre a alfabetização no âmbito campesino é saber que os dados sempre apontam os baixos índices de analfabetismo encontrados no campo, é nesses espaços que a educação é sempre pensada como secundária em relação da cidade, como cita Ferraro (2012, p.944):

Apesar do forte movimento de urbanização do país desde a primeira metade do século XX, em 1980 o número absoluto de analfabetos entre as pessoas de 15 anos ou mais ainda era mais elevado na população rural (10,0 milhões) do que na urbana (8,7 milhões). Em termos relativos, porém, a taxa de analfabetismo rural (46,3%) era 2,8 vezes superior à taxa urbana (16,8%). Mesmo com taxas menos elevadas do que no Brasil, o analfabetismo rural era também acentuadamente mais elevado do que o urbano em países como a Argentina (14,6% e 4,1%, respectivamente entre as pessoas de 10 anos ou mais, em 1980), e o Chile (21,9%, contra 6,2%, respectivamente para as pessoas de 15 anos ou mais, em 1982) (UNESCO, 1990, Tabela 7, p. 65-68).

Portanto é de suma importância possuir informações sobre um número real entre esses sujeitos inseridos no campo, na qual também sabemos que reflete entre as comunidades quilombolas na falta políticas públicas investida na educação, fazendo as comunidades cada vez mais apresentarem baixos índices de alfabetizados.

2.3 A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL

A educação quilombola é uma modalidade que foi deliberada na Resolução Nº 08 de 20 de novembro de 2012 define as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, sendo a mesma recente em relação as outras modalidades de ensino. Antes desta modalidade houve uma modificação na LDB, lei de número 9.394/1996, para vigorar a lei 10.639/2003, que incluísse no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Dessa forma a população negra não tinha por lei suas histórias contadas em livros como disciplinas obrigatória, apenas havia relatos de como era suas vidas enquanto escravos sem apontar as culturas e tradições trazidas por esses povos dos seus países de origem. E essa abertura na lei obrigou a existência dessas histórias para mostrar as raízes dos povos negros, sem depreciações, justamente para romper com esse modelo de educação que mostrava apenas as histórias negativas dos povos negros no Brasil.

O acesso desses indivíduos vindo de comunidades quilombolas foram mais tardias que de pessoas brancas, pois como sabemos na história sempre existiu a negação dos povos negro na sociedade e não foi diferente na educação, dessa forma aponta Carvalho (2018, p.218):

[...] a inserção dos negros na educação brasileira constitui-se em uma trajetória permeada por conflitos, contradições, preconceito e exclusão. Apontam que as organizações negras têm combatido esse déficit, por meio de estratégias e de diversos projetos pedagógicos, que impulsionam políticas públicas reparativas.

Dessa maneira o Autor aponta que a educação para as pessoas negras sempre foi mais precária e palco de diversas lutas para chegar até elas. Dessa forma é vista que a população negra, ainda é negada várias políticas públicas relacionada a educação.

A exclusão dos povos negros não está presente somente nos espaços da educação, mas em muitos espaços, pois esses povos negros e negras sempre foram vistos como subalternos, que a educação não deveria ser pensada para os mesmos, que somente serviriam para trabalhar como serviçais de patrões brancos. Com essa negação na maioria dos espaços e que visualizamos o quanto, ainda o preconceito está enraizado na sociedade brasileira, que segundo Ribeiro (2017, p. 35-36):

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet.

Dessa forma falar sobre a educação no âmbito campesino e quilombola é saber quais as margens que esses sujeitos se encontram na sociedade atual, sabendo que temos nossos saberes. E que cada indivíduo apresenta a sua sabedoria, apesar do sistema ser seletivo para ambas as classes sociais.

Essa realidade para os negros é refletida tanto em cidades como também nas comunidades rurais, eles são vistos de forma preconceituosa e muitas das vezes as suas vivências não estão sendo dialogadas nas academias, estão silenciadas ou substituídas por falas romantizadas como cita Ribeiro (2017, p.16):

A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. Segundo a autora, o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal)”. Essa reflexão de Lélia Gonzalez nos dá uma pista sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são.

É muito importante saber que as populações negras foram e ainda se encontram marcadas pela inferioridade demarcadas pelas populações brancas que se encontra em lugar de superioridade, a única forma para que essa população tenha o acesso à educação de maneira qualitativa seria a ampliação de políticas públicas.

Partindo do ponto de vista mais amplo sobre a educação quilombola iremos dialogar um pouco, sobre esse tema no Brasil, já que minha pesquisa terá como foco a alfabetização das crianças de comunidade quilombola, como a educação está inserida no interior da escola estudada e como está refletida no âmbito da educação nacional. Neste caso Soares (2016, p. 1) aponta :

A educação quilombola é uma modalidade de ensino recente no âmbito da educação básica, visto que, a resolução de Nº 08 de 20 de

novembro de 2012 define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, portanto, trata-se de uma política pública em construção, de uma política pública cujo movimento é de afirmação e valorização de saberes históricos e culturais secularmente ausentes no currículo escolar.

Dessa forma visualizamos que a instituição de ensino inserida em comunidades quilombolas, devem possuir modalidades diferenciada das demais instituições, para que os educandos aprendam mais sobre as culturas dos seus povos, e assim tenham uma educação contextualizada, partindo do princípio da sua realidade.

Dialogar sobre a educação quilombola é saber que não iremos encontrar muitas pesquisas sobre a temática, assim como é pequeno o número de trabalhos sobre a educação do campo, e este é um desafio a ser enfrentado enquanto pesquisadora, pois a falta de informações que nos faz demorar ainda mais a concluir uma determinada pesquisa.

A educação escolar quilombola em suas diretrizes busca promover um melhor ensino para os povos que por muito tempo foi negado as suas histórias em livros escolares, para que os mesmos se sintam representado através da história dos seus antepassados e passem cada vez mais valorizar a sua história, dessa maneira segundo Soares (2016, p. 6):

Neste sentido, a Educação Quilombola se constitui numa ação afirmativa visando quebrar o amuleto das injustiças históricas, de intervir e dissolver as marcas colonizadoras imbricadas nos saberes escolares, e, sobretudo, vislumbrar a possibilidade de imprimir uma carga de reparação cultural e material à população negra que arrasta uma situação de desvantagem social histórica.

A educação quilombola ainda não está presente em todos os lugares do nosso país, onde podemos observar que existe escolas que recebem alunos oriundos de comunidades quilombolas. A modalidade da educação quilombola, na qual era para existir práticas de ensinamentos voltada para estes ensinamentos já que a instituição recebe alunos precisam desenvolver os mesmos, porque fazem parte da sua realidade, dessa maneira segundo Miranda (2012, p.):

A implantação da modalidade de educação quilombola insere-se numa trajetória de discussões no campo educacional iniciada ainda na década de 1980 e marcada por alto grau de mobilização em torno da reconstrução da função social da escola. Os problemas relativos à qualidade da escola pública incidiram sobre a democratização da educação, tanto no que se refere à garantia do acesso quanto no sentido da horizontalização das relações no interior da escola.

Desta forma visualizamos a educação quilombola como uma modalidade formal que precisa estar presente na vida educacional dos discentes oriundos de comunidades quilombola, para que isto ocorra é preciso que as políticas públicas cheguem até a escola, e que as mesmas tenham a eficácia para ampliar os índices de alfabetização das populações de baixa renda.

Estudar a educação quilombola é vivenciar que ainda está muito longe da realidade das escolas aplicar os conteúdos que formalmente está inserida nas modalidades educacionais, onde é preciso que haja mudanças radicalmente no âmbito da educação para que todas as escolas sejam contempladas com uma educação de qualidade que na verdade é direito de toda escola, como podemos visualizar diante disto.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos que se repetem há cinco séculos, a sua identidade e a direitos seus. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais – Brasil; MEC, 2006. P.239)

Essa obrigatoriedade era para ser exigida e vigorada em todas as escolas brasileiras que atendam as crianças e adolescentes de comunidades quilombolas, porém sabemos que ainda existe escolas que nos seus planejamentos não discutem a inclusão dessas disciplinas e desses assuntos no âmbito escolar.

Muitas das comunidades quilombolas não tem suas próprias escolas. Nesses casos, se faz necessário que os alunos saiam de sua comunidade para terem oportunidades de estudar. Miranda (2012, p. 376) nos informa: “É comum que estudantes das comunidades remanescentes de quilombos frequentem escolas em outras comunidades, povoados e sede de municípios, caso que se ampliou no estado após o processo de nucleação de escolas.”

O mesmo refere-se a dados do estado de Minas Gerais que também visualizamos que reflete em todos os demais estados do país e com isto foi visto para mim também está presente na comunidade na qual estou realizando a minha pesquisa, na qual as crianças precisam se deslocarem da sua comunidade para terem acesso a uma educação.

A realidade de algumas escolas do país com foco na qual estou pesquisando não existe uma educação quilombola, existe apenas alunos oriundos de comunidade quilombola, onde a

maioria busca por uma educação em outra comunidade que não é quilombola. Como cita Arruti (2017, P. 119), “escolas situadas fora das áreas de quilombo, mas nas vizinhanças de comunidades quilombolas, podem atender também – e, por vezes, principalmente – as crianças dessas comunidades.”

Dessa forma é de fundamental importância realizar pesquisas em lugares que não existe muitos pesquisadores, porém é essencial termos dados para que os mesmos possam modificar as práticas de ensino usadas pelos docentes e que eles passem a trabalhar mais sobre as realidades dos discentes inseridos nestas instituições, e assim aprimorar a educação exercida naqueles espaços, pois o ensino-aprendizado deve ser igual para todos sejam eles inseridos no campo ou na cidade. Como aponta Arruti (2017, P. 119):

a desvantagem educacional quilombola não pode ser atribuída nem genericamente à sua situação rural, nem particularmente à situação dos municípios em que os territórios se encontram, pois os dados do nosso universo de pesquisa indicam uma desvantagem relativa, para a população quilombola, que é coincidente com os limites dos seus próprios territórios.

Como o resultado desta pesquisa aponta que existe uma desvantagem percentual na educação quilombola, o intuito da minha pesquisa é investigar uma escola que recebe alunos de comunidade quilombola se os discentes se encontram em nível alfabético de acordo com sua idade e série. A alfabetização é um assunto bastante discutido, porém quando se refere a comunidades quilombola não se encontra tantos quanto deveria apresentar.

Portanto a educação quilombola precisa ser apresentada de forma contextualizada para que povos remanescentes de quilombos tenham as oportunidades de estudar as suas raízes, está educação é uma modalidade que precisa ser vivenciada na prática, para que tenhamos um número cada vez menor de analfabéticos nestes espaços ricos de histórias.

2.4 DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO QUILOMBOLA

Falar sobre a alfabetização quilombola é voltar o olhar para um campo de pesquisa que precisa ser valorizado, pois são poucas as pesquisas nesta área. Em meus estudos sobre o tema, pude perceber que a alfabetização quilombola ainda é um objeto de estudo a ser priorizado, em pleno século XXI.

Diante deste fato trago resultados de pesquisa na plataforma SciELO – Scientific Electronic Library Online, que não tem muitos artigos publicados nestas plataformas sobre a

alfabetização quilombola, a SciELO é reconhecida mundialmente e não tem muitos textos sobre a temática pesquisada.

Dos resultados encontrados na SciELO, busquei por várias palavras chaves relacionado com a alfabetização quilombola, porém muitos dos temas não foram bem sucedidos, ou seja, não havendo resultados positivos, foram os seguintes temas pesquisados, como mostra no quadro a seguir:

QUADRO 01 – Artigos sobre alfabetização quilombola

PALAVRAS CHAVES	OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS
Alfabetização quilombola	00
Alfabetização negro	01
Alfabetização negra	00
Alfabetização negras	00
Alfabetização Negritude	00
Alfabetização comunidade quilombola	00
Alfabetização vulnerabilidade	13

Como mostrado no quadro não existe artigos publicados sobre a alfabetização quilombola, apenas apresenta um maior número de publicações quando relacionado a vulnerabilidade, termo usado por saber que a maioria dos negros ainda se encontra em uma margem maior de vulnerabilidade do que pessoas brancas, neste caso associei a palavra para que conseguisse encontrar algum outro artigo sobre a alfabetização dos povos negros.

Das ocorrências encontradas dentro da palavra-chave “Alfabetização negro” foi encontrada somente uma ocorrência, cujo título era o seguinte: “Recursos semioticos del profesor de matematica: funciones complementarias del habla y los gestos para la alfabetizacion cientifica escolar.” O seguinte texto não veio a contemplar de fato a questão da alfabetização negra a que direciono o meu estudo por isso vejo como um verdadeiro desafio falar sobre a alfabetização quilombola no Brasil.

Dentro da palavra-chave Alfabetização vulnerabilidade pesquisado dentro da SciELO foram encontrados treze (13) ocorrências das quais apenas uma foi contemplada a discussão, porém não deu ênfase a respeito da alfabetização de crianças negras, cujo título é:

“Intervención Psicopedagógica Temprana en Conciencia Fonológica como Proceso Metalinguístico a la base de la Lectura en niños de 5 a 6 años socialmente vulnerables.”

As demais palavras chaves como já citado anteriormente, não apresentou nenhuma ocorrência, essas temáticas encontradas também não foram referentes a realidade brasileira e os espaços rurais, sendo assim podemos afirmar que são pouco os trabalhos direcionado para a alfabetização de negros, dentro desse site pesquisado.

Com isto podemos visualizar que o índice de pessoas negras analfabetas sempre foi maior do que o de pessoas brancas, pois a alfabetização sempre foi negada para essas pessoas e tanto que em pleno século XXI não é comum a apresentação de pesquisas referente a essas temáticas.

Sobre os dados de analfabetismo por pessoas negras no Brasil sempre foram altos dessa forma os autores BELTRÃO; NOVELLINO (2002, p.37) apontam que:

A condição de alfabetização de mulheres e homens pretos classificados por grupo etário, respectivamente nos anos de 1940, 1950, 1960, 1980 e 1991. No ano de 1950, o número de não-alfabetizados é muito maior do que o de alfabetizados para ambos os sexos e para todas as faixas etárias, sendo que o número de mulheres alfabetizadas é quase nulo nas idades acima de 65 anos. O número de alfabetizados é maior nas faixas etárias mais jovens (de 10 a 25 anos) para ambos os sexos mas numa proporção maior para as mulheres. Similarmente ao que acontece para o Brasil como um todo e para a população branca, a proporção de homens alfabetizados é maior do que a de mulheres nos grupos etários mais velhos. A partir de 1980, o quadro de desigualdade do número de alfabetizados pretos em relação aos brancos sofre uma mudança muito grande. Apesar de o número de analfabetos pretos continuar a ser relativamente maior do que o número de analfabetos brancos, os primeiros passaram a ter um contingente de alfabetizados maior do que o de não-alfabetizados: as taxas de alfabetização são superiores a 50% para todas as idades abaixo de 50 anos. Em 1980, tal como em 1950, o maior número de alfabetizados para ambos os sexos se concentra na faixa de 15 a 20 anos.

Dessa forma a temática sobre a alfabetização das pessoas negras, não apresenta com frequência em discursos das academias, como podemos visualizar a classe baixa do Brasil é predominante composta pela população negra e esta sempre permaneceu com maior número de analfabetismo,

Para mim como mulher, negra e quilombola chegar em Universidade federal e pesquisar sobre a alfabetização dos negros é muito satisfatória, pois sou uma das pioneiras a falar sobre o assunto abordado, que é de grande valia para a academia saber que falar de alfabetização das pessoas que estão em lugares afastados do meio acadêmico é de suma importância.

3 METODOLOGIA

Neste ponto irei demonstrar os caminhos que me levaram para realização desta pesquisa e quais os instrumentos de pesquisa utilizados para a realização destes trabalhos e quais os sujeitos que foram pesquisados, desta forma darei subtópicos para cada instrumento realizado.

3.1 A ALFABETIZAÇÃO PRESENTE EM TODOS OS CAMPOS DE PESQUISA

A seguinte pesquisa foi realizada por meio de pesquisa qualitativa, A pesquisa alfabetização das crianças e adolescentes da comunidade quilombola Arrojado na qual apresento, o seu desenvolvimento foi de acordo com a realidade visualizada nesta localidade, que será baseada na proposta de pesquisa qualitativa, como afirma Bauer e Gaskell (2002, p. 22-23): “[...]A pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais e é considerada pesquisa *soft*. ”

Dividimos a pesquisa em quatro momentos diferentes sendo eles: dois diagnósticos com os discentes da Comunidade Quilombola do Arrojado, entrevista com professores e gestora da Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, observação em sala de aula.

A pesquisa foi realizada no município de Portalegre/RN, na comunidade quilombola do Arrojado, na qual teve como sujeitos colaboradores os discentes da comunidade que participaram dos diagnósticos, os docentes e a gestora da Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, se disponibilizaram a participar da entrevista e proporcionaram a observação durante as suas aulas.

3.2 DIAGNÓSTICOS

Realizei este instrumento de pesquisa em dois momentos, o primeiro momento foi aplicado o diagnóstico com 07 alunos da comunidade estudada. A escolha por esses discente foi pela minha proximidade com eles, dessa forma realizei o diagnóstico com esse número pequeno de alunos, porém senti a necessidade de aprofundar essa pesquisa, pois os níveis de hipóteses alfabéticas das crianças estavam baixo em relação a sua idade e ano escolar. Esse diagnóstico foi realizado entre o dia 21 e 23 de fevereiro. O modelo dos diagnósticos foi referente a disciplina Alfabetização e Letramento, ofertada durante o Curso LEDOC.

A partir deste primeiro diagnóstico, concluí que precisava realizar outro para investigar a totalidade dos alunos da comunidade quanto à sua hipótese de escrita alfabética, inclusive em relação com sua idade. Dessa maneira realizei o segundo momento com a aplicação do diagnóstico com a quantidade de 34 discentes quilombolas matriculados na instituição de ensino pesquisada.

O diagnóstico foi realizado para os dois grupos de discentes os Adolescentes e as crianças, foi utilizado o mesmo material que se constituiu como peça-chave para saber os níveis de hipótese de escrita alfabética.

Estas questões do diagnóstico foi fruto da disciplina alfabetização e letramento que cursei ao longo do curso Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo - LEDOC, na qual realizei todos os diagnósticos com esse material que apresento a seguir:

Figura 01. Primeira questão do diagnóstico

ATIVIDADE DE DIAGNÓSTICO DESENVOLVIDO NA DISCIPLINA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO SOB ORIENTAÇÃO DA PROFª ANA GABRIELA DE SOUZA SEAL

DIAGNÓSTICO

Nome: _____

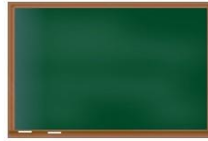
1º: Ditado.

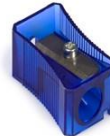
1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

Fonte: disciplina Alfabetização e letramento

Figura 02. Segunda questão do diagnóstico

2º: Escreva a palavra de cada imagem:





Fonte: disciplina Alfabetização e letramento

Figura 03. Terceira e quarta questão do diagnóstico

3º (Leitura de palavras): Ligue os objetos aos seus nomes:



GIZ DE CERA

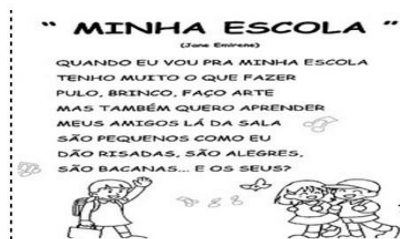


TESOURA



LÁPIS DE COR

4º Leia o poema abaixo.



Fonte: disciplina Alfabetização e letramento

Figura 04. Quinta questão do diagnóstico

5º: Faça uma carta para o seu melhor amigo ou amiga, contando um segredo.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Fonte: disciplina Alfabetização e letramento

3.3 ENTREVISTA

O terceiro momentos da pesquisa foi a realização da entrevista, onde a mesma propôs obter dados que nos permitiu conhecer sobre o trabalho dos sujeitos pesquisados e também é uma forma de podemos socializamos com os indivíduos pesquisados, conforme Bauer e Gaskell (2002, p.82):

A entrevista começa com alguns comentários introdutórios sobre a pesquisa, uma palavra de agradecimento ao entrevistado por ter concordado em falar, e um pedido para gravar a sessão. O entrevistador deve ser aberto e descontraído com respeito à gravação que pode ser justificada com uma ajuda à memória ou um registro útil da conversação para uma análise posterior.

A entrevista utilizada foi semiestruturada com os docentes e gestores, e dessa forma serviu como base para obter dados precisos que compõe o corpo da minha pesquisa.

Foram dois roteiros de entrevista ficando um para a gestora e o outro para os docentes da instituição, sendo essas as questões de cada roteiro.

Roteiro de entrevista para a Gestora:

Quantos alunos estão matriculados atualmente na escola?

Todos esses alunos são alfabetizados? Se não qual o nível de aprendizagem?

Existe algum trabalho diferenciado que envolva mais esse público da comunidade quilombola?

Há algum índice de repetência tomado por base dos últimos 10 anos dessas crianças e adolescentes da referida escola?

Em relação a taxa de evasão escolar nos últimos 10 anos houve evasão escolar por parte dos discentes dessa comunidade? A escola conhecer qual o motivo para evasão?

Roteiro de entrevista para os Docentes:

Qual ano e quanto tempo que ele leciona?

O tempo de serviço em sala?

Qual sua formação?

Há algum planejamento específico para o desenvolvimento das aulas com os discentes de comunidade quilombola?

Todos os alunos da comunidade quilombola que se encontram em suas aulas estão alfabetizados?

Você saberia identificar quais os níveis de aprendizagem desses alunos que se encontram em suas aulas?

Como são desenvolvidas as atividades escolares pelos discentes desta comunidade durante suas aulas?

Há proposta de atividades diferenciada para aprendizagem de alfabetização para esse público que não se encontra no nível alfabético?

A finalidade deste questionário era saber se a gestora dialogava sobre a alfabetização dos discente da comunidade quilombola, qual era o olhar da escola diante da situação que se encontravam esses discente.

O roteiro dos docentes desta instituição, foi de suma importância para saber como os docentes trabalhavam em sala de aula diante de discentes que não se encontravam alfabetizados e se seus planejamentos estavam direcionados para realidade de suas turmas.

A escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, que foi realizada a pesquisa funciona apenas no turno vespertino, na qual as séries ofertadas na época da pesquisa era do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e 6º, 7º e 9º do Ensino fundamental II. A escola conta com 16 funcionários, 07 salas de aulas no ano de 2019, tem biblioteca, sala dos professores, sala da diretoria e quadra de esporte.

3.4 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

No quarto momento dos levantamentos dos dados realizei observações na sala de aula, que foi de suma importância para ver os pontos positivos e os negativos desenvolvidos pelos docentes e discentes presentes na instituição. Ressaltando assim que esses dados buscam aprimorar os conhecimentos sobre como é as práticas dos docentes em sala de aula e as intervenções com os sujeitos pesquisados.

Dessa maneira os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa sobre a alfabetização de crianças e adolescentes da comunidade quilombola Arrojado buscou identificar como está o nível de hipótese de escrita alfabetização desses discentes, para isto apliquei dois diagnósticos no intuito de coletar esses resultados acerca da alfabetização.

As análises das opções metodológicas dos docentes na qual apresento dentro deste trabalho, realizei foi por meio de entrevistas e observação de aulas com algumas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com essas análises tenho a finalidade de fazer intervenções com as crianças e adolescentes da comunidade acerca da hipótese alfabética.

3.5 CAMPO DE PESQUISA

A aplicação desta pesquisa foi realizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, no Município de Portalegre/RN. Que é marcado na sua história como uma cidade que teve como princípio a chegada de povos indígenas. Neste Estado segundo Monteiro (1999, p. 9):

No decorrer da guerra, as tribos do Rio Grande seriam dizimadas, afugentadas ou submetidas à colonização, ficando o sertão livre para o povoamento pelos brancos portugueses e seus descendentes. Na mortandade, na escravização e no aldeamento forçado dos indígenas sobreviventes, então ocorridos, é que se encontra a explicação para o desaparecimento de povos inteiros.

Na história retrata que o nosso Estado foi um que teve índios, porém, durante a colonização esses povos foram sendo esquecidos. Muitos dos índios foram mortos durante a guerra com os portugueses que foram tomando os seus espaços.

E esta guerra começou a se intensificar no interior no estado nos anos 1680 como cita Monteiro (1999, p.8):

Na Capitania do Rio Grande, ao se iniciarem os anos de 1680, oficiais de ordenança passaram a ser permanentemente designados para frentes de conquista, oriundas de Pernambuco e da Paraíba, nas chamadas ribeiras dos rios Ceará-Mirim, Piranhas-Assu, Apodi-Mossoró e Jaguaribe, este último no atual Estado do Ceará.

Com a intensificação de oficiais portugueses no interior os índios da região principalmente de Apodi foram expulsos das suas terras para outras longínquas, que foi o caso da chegada deles na atual cidade de Portalegre. Na época ainda não tinha esse nome, o primeiro nome dado foi Serra dos Dormente, o segundo Serra Sant'Anna, o terceiro Serra do Regente e por fim vila de Portalegre, que logo mais se constituiu o município de Portalegre. Segundo Moraes (2005, p.25): “o deslocamento dos índios Apody para Portalegre inscreveu-se numa tentativa do poder colonial de controlar as populações indígenas.”

Dessa maneira segundo Moraes (2005), a história de Portalegre/RN mostra que ela foi povoada por índios no qual foram entregues terras improdutivas. Essas terras foram definidas como improdutiva pela Câmara Municipal Vila de Portalegre, pois não tinham condições dos índios sobreviverem com a plantação de lavouras, ficando na dependência dos portugueses para sobreviver com a venda de sua mão de obra.

Ao entregarem essas terras improdutiva para os índios, uma das localidades foi o sítio pêga, que hoje é conhecida como comunidades quilombola. No município de Portalegre hoje conta com (04) quatro comunidades quilombolas, sendo elas: Arrojado, Lages, Pêga e Sobrado.

Dentre essas quatro comunidades, minha pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Arrojado, está conta com o total de 56 famílias, de difícil acesso por possuir ladeiras íngremes, deixa a mesma mais afastada da cidade e tem em suas marcas o esquecimento e porque não dizer o preconceito por não ser uma comunidade que não apresenta povos brancos.

Sobre a questão da segregação que os povos vivenciaram e que até hoje também vivenciamos relata Moraes (2005, p.12):

Até a década de 1980, os habitantes do Pêga, do Arrojado e do Engenho Novo mantinham pouco contato com os moradores do núcleo urbano. Em primeiro lugar, o motivo do isolamento associava-se às características geográficas do lugar, uma vez que o acesso às terras do Arrojado e do Engenho Novo era e ainda é difícil por passar por ladeiras íngremes e cheias de pedra. Em segundo lugar, o grupo era marginalizado e conhecia uma segregação social. As pessoas da cidade recordam, por exemplo, que, até a primeira metade do século XX, os negros não podiam participar das festas organizadas pelos brancos no edifício da prefeitura de Portalegre.

Atualmente, mesmo se não existe uma situação de segregação tão forte, os moradores das comunidades investigadas continuam sofrendo forte preconceito.

Quando se fala da comunidade Quilombola Arrojado, é visto que sempre foi uma comunidade marcada por ser esquecida por falta de políticas públicas, e hoje a realidade não é diferente de antigamente. Porém é visto que o preconceito com a comunidade ainda existe quando se visualiza que não existe estradas adequadas, Unidade Básica de Saúde (UBS) e Escolas, mostrando que as deficiências acaba prejudicando até na educação de crianças e adolescentes da comunidade, ou seja, no futuro desses indivíduos.

Antigamente os povos dessa comunidade não se aceitava como quilombolas, pois era um termo desconhecidos pelos moradores, dessa maneira morais (2005, 11) cita que: “[...] eles não se autodenominam um grupo quilombola, mas, sim, uma grande família que compartilha valores, interesses, crenças e costumes.”

Já na atualidade todos os sujeitos dessa comunidade já se autodeclaram como uma comunidade quilombola, que antes as pessoas não conheciam o termo. Foram as pessoas externa a comunidade que vieram para explicar as pessoas que comunidades quilombolas são grupo com identidade cultural própria que se constituíram através de processos históricos e tem nas suas raízes a marca de resistências.

Dessa forma Santos (2015, p.57) também cita que: “A ideia de pertencimento e de autorreconhecimento como grupo quilombola é ainda novo para a comunidade, o que gera entre eles um silêncio ao serem questionados ou serem conduzidos a se reportarem a esse assunto.”

A comunidade Quilombola Arrojado, antigamente era conhecida como Sítio Freijó, o nome foi dado a partir de uma certa divisão de terra. Ao passar do tempo foi denominado como Sítio Arrojado, conhecido hoje como Comunidade Quilombola Arrojado.

Perguntei para uma moradora sobre a mudança do nome Freijó para Arrojado, a senhora Conceição, - minha mãe - , ela respondeu “não sei dizer, só sei que o nome do Sítio é Arrojado.” (julho, 2020).

Os moradores mais antigo da comunidade falavam que a escolha por essas terras foi porque era uma localidade alta onde os mesmos podiam visualizar os seus adversários, possivelmente na época da escravidão onde os negros eram escravizados, e esse local era perfeito para esconderijo, pois, suas ladeiras íngremes dificultavam a chegadas de pessoas neste local.

Que também podemos imaginar que essas terras pode ser as possíveis terras improdutivas dada aos índios no período da colonização e possíveis escravos trazidos para essas terras. De acordo com Moraes (2005, p.26):

A câmara Municipal da vila de Portalegre, ao atribuir aos índios “grutas e terras Improdutivas”, impedia que os indígenas pudessem voltar a cultivar lavouras ou ter uma vida diferente da “rapinagem” – da qual se queixavam os fazendeiros de Apodi.

As pessoas dessa comunidade contam que existia senhores de terras de sítio vizinho, que chamava os homens para trabalharem na roça como trabalho escravo. Onde eles eram colocados um chocalho para que ouvisse seu som se o instrumento parasse os sujeitos eram chicoteados, época vivenciada pelo meu bisavô na qual a história foi repassada pelo meu avô e meu pai vem a retornar à história da época que acontecia um possível trabalho escravo com os povos negros do Arrojado.

Neste caso, podemos visualizar que é uma história muito triste que nós da comunidade por muito tempo tivemos receio de contar as verdadeiras histórias dos nossos antepassados, e esse receio seria por conta do preconceito enraizado sobre essas questões.

Como sempre foi uma história negada, por muito tempo as pessoas não aceitavam fazer parte daquele grupo de pessoas que não era aceita em todos os lugares por conta da sua cor de pele, mesmo eles vivenciando no seu dia a dia vestígios daquela realidade vivenciada nos séculos passados.

A comunidade pesquisada fica a quase 7 km de distância da cidade, sendo esta a que resido, por isso o meu interesse por pesquisar nesta localidade que tem na sua marca histórica o esquecimento do seu povo via ausência de políticas públicas de forma geral.

Como já vinha falando o Arrojado é uma comunidade quilombola, que vem sendo pesquisada deste 2005 pela autora Moraes e o mais recente trabalho da autora Santos (2015), cujo mesmos já citei neste trabalho além dela outros pesquisadores já passaram pela mesma, mostrando que é uma comunidade repleta de conhecimentos, porém desvalorizado pelos poderes públicos.

Na parte religiosa desta comunidade cito a dança de São Gonçalo, que é um manifesto religioso na qual as pessoas trazem nas suas raízes uma dança que vem sendo passada de geração em geração. Também temos as crenças denominadas de afrodescendente, que são as rezadeiras e curandeiras, existindo hoje na comunidade apenas rezadeiras, as quais rezam nas

peessoas e passam seus chás medicinais com propósito de curar suas enfermidades. Existe uma diferença entre curandeira e rezadeira apresentada por Morais (2005, p. 90), que cita:

Assim, percebemos duas diferenças fundamentais entre rezadeiras e curandeiras. A primeira é a que as curandeiras devem saber controlar a vinda e a possessão de espíritos. Esse saber é ensinado por outro curador, mais velho, mais experiente e externo à comunidade. A segunda diferença é que a cura realizada por uma rezadeira pode ser efetuada dentro de casa, na calçada ou em qualquer lugar público, enquanto as sessões de cura presididas por uma curandeira devem ser realizadas em locais fechados.

As práticas dessas rezas e curas na comunidade também foi bastante discriminada e vista como prática de bruxaria por pessoas que não acreditam nesse tipo de religião, tanto que não é uma prática frequente na comunidade como antigamente. Diante deste fator discriminante foram poucas pessoas que tiveram o interesse de aprender com os mais velhos por ser cultura vista com preconceitos pelas pessoas de outra comunidade e dessa forma, apenas rezadeiras ainda existe na comunidade e são poucas em relação os tempos antigos.

Dessa forma ressalto que essas práticas acabaram com o falecimento das pessoas mais velhas que residiam na comunidade, por esse motivo não existe mais curandeiras somente as rezadeiras que ainda fazem suas rezas nas calçadas ou em qualquer lugar que se faça presente, pois não é tão sigiloso como as sessões de curas que acontecia antigamente pelos moradores.

Outro fenômeno religioso que acontece na comunidade como cita moradores da comunidade são as novenas de mês de maio que é realizada na casa de Dona Antônio e seu Agenor, ambos já falecidos. Estas novenas não são iguais à da igreja católica, a mesma se encontra com outras leituras, que foi repassada pelo senhor Joaquim Miguel já falecido, na qual o mesmo residia na comunidade quilombola Pêga.

Meu objetivo neste trabalho não é explanar dados sobre a história da comunidade, porém não é possível falar da mesma sem mostrar as suas raízes, dessa forma relato suas crenças, suas dificuldades, os preconceitos vivenciados pelos povos que os torna muitas vezes excluídos dos meios sociais em que se insere, e assim chegar a falar sobre a alfabetização das crianças e adolescentes da comunidade.

Sobre a educação desses povos sempre foi difícil o acesso dos mesmos a educação, pois na comunidade nunca houve uma escola para receber esses discentes. Um dos moradores relata que na sua época de escola precisava se deslocar para a casa de uma professora em outra comunidade. Ele fazia a antiga 4ª série e apenas ele de uma casa que tinha cinco filhos

era o único que frequentava a residência da professora em busca da sua educação escolar. Como era muito difícil a permanência destas aulas, ele relata que acabou desistindo, não por falta de interesse mais pelo fato das dificuldades a serem enfrentada serem muitas. (morador da comunidade, junho, 2020)

Ele conta que: “as aulas era toda a noite e na época de inverno havia vários riachos para atravessar e como eu não tinha transporte tinha que fazer a caminhada a pé.” (morador da comunidade, junho, 2020). A distância percorrida na época era cerca de 3 km da sua casa para residência da Professora. Já atualmente essa distância para que os alunos tenham o acesso à educação é maior, cerca de 5 km, porém o que amenizou em relação a tempos passados que hoje tem transporte escolar para essas crianças e adolescentes.

Este transporte por muito tempo e até na época que eu realizei o Ensino Fundamental e Médio, pegava os alunos em uma comunidade que é aproximadamente 02 km de distância da nossa comunidade, hoje depois de muita luta coletiva dos moradores da comunidade que o ônibus escolar está vindo pegar os alunos na própria comunidade.

Dessa forma fica explícito que a comunidade tem nas suas raízes a negação da educação no seu próprio território, na qual as crianças sempre têm que sair do seu local que reside em busca de um futuro, mostrando que a comunidade é de certa forma esquecida.

3.6 ESCOLAS QUE RECEBEM OU JÁ RECEBERAM OS DISCENTES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ARROJADO

Sobre as escolas que receberam esses alunos e a que ainda recebem podemos citar três como a Escola Municipal Ozéias de Freitas localizada na comunidade São Tomás, Escola Municipal João Liberal localizada no Sítio Santa Tereza e Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá localizada no Sítio Bom Sucesso.

A primeira escola a ser construída nas proximidades da comunidade quilombola Arrojado foi a Escola Municipal Ozéias de Freitas, localizada no Sítio São Tomás, que recebia o alunado da comunidade quilombola Arrojado.

Já a segunda escola a receber esses discente foi a Escola Municipal João Liberal localizada comunidade Santa Tereza também constituída por pessoas brancas e que a maioria das pessoas apoiava o partido que foi eleito na época da construção da escola, que nos mostra que a escolha das comunidades, vai muito da política municipal.

Essas duas escolas citadas acima não tem mais funcionamento , a primeira demolida e a segunda ainda se encontra em pé, porém desativada. O secretário de educação da época do

fechamento da Escola Municipal João Liberal alegou que o seu fechamento aconteceu pelo fato que havia poucas crianças na escola e a aprendizagem dos mesmos estavam sendo prejudicada pelo fato das salas multisseriadas que havia na escola.

Como moradora da comunidade só tive oportunidade de estudar na Escola Municipal João Liberal, pois a primeira escola citada já havia sido desativada devido o êxodo rural que tinha acontecido na comunidade que a escola foi construída. Na segunda escola citada onde estudei ainda presenciei a formação de sala multisseriada quando estava na antiga 4ª série.

Quando aconteceu o fechamento da escola foi um choque muito grande para os alunos da comunidade, pois essa escola era mais próxima deles, cerca de 2 km, e eles se sentiam em casa pois a maioria dos alunos presentes era apenas da comunidade, porém tiveram que deixar a escola para irem para outra mais distante.

A terceira escola que até hoje recebem os discentes da comunidade é a Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá situada no Sítio Bom Sucesso cerca de 5 km da comunidade que os discentes residem, a escola começou a receber todos os alunos na comunidade deste 1º ao 9º ano, a partir do ano de 2007 quando a segunda escola recebia esses alunos teve que fechar suas portas.

Os discentes se deslocam para a escola através do transporte público. Até 2016 esses discentes tinham que se deslocarem para uma comunidade vizinha para pegar o transporte. A partir de 2017 que esse transporte passou a pegar esses alunos na sua própria comunidade, depois de muitas reivindicações por parte dos moradores da comunidade.

A escola conta com 111 alunos ativos, sendo 41 da comunidade quilombola do Arrojado no decorrido ano de 2020, já no ano de 2019 que realizei minha pesquisa a escola contava com apenas 34 alunos da comunidade pesquisada, no qual realizei o diagnóstico com todos eles para saber como estava a alfabetização das crianças e adolescentes.

No ano de 2020 entrou cerca de 08 discente da comunidade vindo da pré-escola que agora faz parte da escola no qual tenho como objetivo de pesquisa saber como está a alfabetização dos alunos da comunidade quilombola, ficando esses alunos sem ter a sua participação na minha pesquisa pois como já ressaltado, a coleta de dados dos diagnósticos aconteceu no decorrer do ano 2019.

Sobre a instituição pesquisada houve autores como Santos (2015) que já pesquisou sobre a mesma na qual a autora cita em seu trabalho relato sobre a realidade desses alunos na instituição, no decorrer da sua pesquisa apresenta que os discentes da comunidade sofrem preconceito por serem de uma comunidade quilombola e estudar em uma escola não quilombola.

Visto acerca do assunto Santos (2015, p. 69) aponta que:

conforme ia acompanhando as aulas dos professores, eu pude localizar entre os alunos do Arrojado e das outras comunidades uma divisão de grupos. De um lado, e na sua maioria no fundo da sala, estavam os alunos do Arrojado, e do outro lado, os demais alunos das outras comunidades rurais: Belo Monte, Santa Tereza, China, Cova e Bonsucesso I e II. Este era um fato interessante e que me chamou atenção, possibilitando uma reflexão sobre as razões que levavam àquela divisão espacial e às dificuldades de diálogos entre os alunos. Ressalto que essa procura por entender tal configuração não estava baseada numa perspectiva de saber quem dos alunos das comunidades estava agindo de maneira diferenciada em relação ao outro, mas quais as causas para que isso ocorresse.

Neste levantamento da autora podemos perceber que até na divisão da sala era de forma preconceituosa, pois não havia aquela homogeneidade entre os discentes, existindo sempre uma segregação diante os povos da comunidade, até neste sentido.

Dessa maneira é visto que até na escola na qual é para ser um espaço de construção, é um lugar que as crianças e adolescentes não se sentem à vontade por parte dos colegas de classe e professores, que mostra que muitas vezes palavras ofensivas por parte dos mesmos.

Segundo o estudo de Santos (2015, P.72):

Os professores apontam o fator cultural como responsável pelo comportamento, buscando justificar, de tal modo, o isolamento na sala de aula e noutros contextos da escola. No entanto, mesmo sendo uma questão cultural, por compartilhar de práticas comuns no seu lugar de pertença, não quer dizer que professores, dentro da dinâmica das práticas pedagógicas e didáticas, não devam tentar aproximar e estreitar a convivência entre os alunos quilombolas e não quilombolas, numa perspectiva de conhecimento, sobretudo, se pensando a relação construída no grupo a partir da identidade étnica.

O que muitos professores dominam de fator cultural podemos chamar de enraizamento de preconceito logo que sabemos que para as pessoas da comunidade sempre foram negados os espaços, deste modo os professores eram para quebrar essas dominâncias dos discentes da comunidade para os mesmos saber que o seu lugar é onde ele se encontra e não apenas junto dos seus familiares ou na sua comunidade de origem.

Dessa maneira é visto que essa discussão sobre o preconceito dentro da escola com esses alunos quilombola foi visto no trabalho de Santos (2015, p.) que ressalta: “A proposta desse trabalho é compreender as ações e as práticas a partir do ideal de como trabalhar com

alunos vindos de uma comunidade quilombola, sem que haja rejeição dos demais grupos sociais, do corpo docente e da escola propriamente dita.”

3.7 SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA

Nesse contexto é de grande valia saber como se encontra a escola em relação a aprendizagem das crianças e adolescentes quilombolas da comunidade Arrojado, dessa maneira me desloquei até a Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá para coletar dados dos sujeitos que se insere no espaço, como gestores, professores, docentes e discentes que foi o meu público-alvo durante a pesquisa.

A gestora da instituição pesquisada é residente da comunidade que a escola se insere, fazendo com que a mesma reconheça a realidade dos alunos, é um ponto positivo que a escola apresenta, pois, a mesma é ex-aluna da escola e agora gestora, tendo assim uma visão bem mais ampla da instituição e da realidade dos discentes inseridos na mesma.

Já os docentes que fazia parte da instituição no ano das coletas dos dados no decorrer do ano de 2019, tinha 11 docentes no qual realizei entrevista com apenas 07 sendo um desses estagiário que era responsável pelas turmas de reforço. No corpo desta pesquisa utilizarei nomes fictícios para me referir aos docentes entrevistados. Realizei as entrevistas para saber as ações metodológicas e quais os níveis de aprendizagem dos discentes, que apresentarei na tabela a seguir:

QUADRO 02. Total de docentes que participaram da entrevista

DOCENTE	FORMAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	TURMAS
Docente I	Pedagogia e História	-----	6º, 7º e 9º Ano
Docente II	Pedagogia	Psicopedagogia Institucional	6º, 7º e 9º Ano
Docente III	Pedagogia e História	Educação de Jovens e Adultos	5º Ano
Docente IV	Pedagogia	-----	3º Ano
Docente V	Pedagogia	Psicopedagogia Clínica	4º Ano
Docente VI	Pedagogia	Coordenação Pedagógica	1º e 2º Ano
Estagiário (aula de	Graduando em	-----	1º a 5º Ano

reforço)	Pedagogia		
----------	-----------	--	--

Com as informações dos docentes da escola pode ver que não existe nenhum professor sem ensino superior e que todos tem formação em pedagogia, embora outros tenha mais de uma formação.

É válido apontar que os docentes que ensinam a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II é para ter outras formações específica, na qual a escola apresenta apenas um docente graduando em História dentro desse quadro de docentes entrevistados. Mostrando que é um desafio para a escola essa realidade das formações docentes.

O outro grupo de sujeitos pesquisado foram os alunos da Comunidade Quilombola do Arrojado que estão inseridos na referida escola, esses alunos são adolescentes e crianças na faixa etária de 7 a 19 anos de idades que estão matriculado na escola.

Entre os alunos que estão inseridos na escola o total de crianças entre 07 a 12 anos, foram 21 que realizei o diagnóstico para saber em qual nível alfabético que os mesmos se encontravam. Já os adolescentes entre 13 a 19 anos de idade, foram 13 que também participaram do diagnóstico, ressaltando que foi as mesmas questões, aplicada as crianças foram aplicadas aos adolescentes, para saber os níveis que os mesmos se encontram diante da mesma atividade.

Dessa maneira utilizei de vários procedimentos metodológicos para adquirir informações, de grande relevância para minha pesquisa, esses foram os principais caminhos para obter esses resultados significantes.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

A seguinte pesquisa teve como resultados os dados obtidos dos dois diagnósticos realizado no qual aponta a escrita alfabética que cada discentes da comunidade quilombola apresenta, mostrando em gráficos essas quantidades de discentes.

A pesquisa também traz os resultados da entrevista realizada com os gestores e docentes da instituição, mostrando ser de grande valia para o corpo da pesquisa, na qual podemos visualizar as questões metodológicas trabalhadas pelos docentes como mostra nas suas falas, e também as revelações que a fala da gestora retrata a respeito dos discentes da comunidade e que ela mostra uma atenção maior para as meninas que são egressas da instituição.

Tendo em vista os resultados das observações em sala de aula que me levou a refletir como esses alunos se sentem durante as aulas pelos seus docentes, que teve uma grande importância, e que será discutida durante o decorrer do texto.

O resultado do primeiro diagnóstico realizado durante os dias 21 e 23 de fevereiro de 2019 com sete (07) crianças, foi essencial para que eu voltasse para realizar o segundo.

Gráfico 01. 1º diagnóstico das crianças e adolescentes



Com esses dados foi possível realizar o segundo diagnóstico com todos os discentes da instituição, os dias reservados para a obtenção dos resultados do segundo diagnóstico, foram 24, 25, 26, 27, 31, de agosto e 09, 10, 11 de setembro de 2019. Esta coleta de dados levou mais tempo como visto em torno de 08 dias, pois não é uma tarefa fácil passar na casa de cada discente para realizar tal atividade.

Quando chegava na casa dos discentes pedia a autorização aos pais. Consegui a autorização de todos da comunidade. Foi um momento muito rico de aprendizagem que vivenciei na minha própria comunidade. Passei a olhá-la com outros olhos, tentando compreender a situação que nos encontrava em relação a alfabetização.

Os discentes que foram diagnosticados na fase alfabética foram 13 dentre eles estão crianças e adolescentes, sendo que a maioria deles eram os adolescentes que se encontravam no Ensino Fundamental II, pois com este segundo diagnóstico foi possível obter todos esses dados com mais precisão.

A fase alfabética é o passo para que a criança comece a desenvolver a sua aprendizagem, para que chegue na adolescência já com domínio do sistema alfabético, pois sabemos que chegar até essa fase é um processo de apropriação que cada um temos como cita Morais (2012, p. 64):

Ao atingir essa fase final do processo de apropriação da escrita alfabética, as crianças resolvem as questões **o que** e **como** da forma como fazemos nós, adultos bem alfabetizados e usuários do português: colocando, na maioria dos casos, uma letra para cada fonema que pronunciamos. Assim como nós, as crianças os fazem, mesmo sem conseguir verbalizar/explicar essa maravilha que descobrimos. Mas, diferentemente de nós elas cometem muitos erros ortográficos.

Dessa maneira é válido salientar que cada hipótese alfabética é de suma importância para ser dialogada e apresentada, e que é válido pensar que são processos diferenciado para cada criança ou adolescentes.

Em relação a fase silábico-alfabética, dentro do diagnóstico apresentou 06 resultados de discentes neste nível, incluindo crianças e adolescentes, que nos mostra que alguns dos discentes já estão em fase de transição para se chegar ao alfabetismo, como cita Morais (2012, p.63):

[...] julgamos que é preciso ver a etapa silábico-alfabética não apenas como um “período de transição”, mas como um período de grande aprendizado das correspondência grafema-fonema. Quanto mais tal aprendizado avança, mais curto é o “processo de transição”. Por isso, costumamos dizer que as crianças que atingem uma hipótese silábico-alfabética já estão, quase em sua totalidade, “a salvo” do fracasso escolar que gera analfabetismo.

E esse processo só acontece quando o discente tem a clareza de identificar os sons de cada letras, ou seja, ele sabe que além das sílabas existe mais letras para se compor uma palavra, como apresenta Morais (2012, p. 62): “A criança que já descobriu **o que** a escrita alfabética nota (a pauta sonora, ou seja, as partes orais das palavras que falamos), em lugar de achar que se escreve colocando uma letra para cada sílaba, descobre que é preciso “pôr mais letras”.”

Dessa maneira podemos relatar que esses discentes que se encontram neste nível estão em fase de transição para um outro nível, pois apresentam está em um ótimo caminho, mais já quando citamos adolescentes nesta fase podemos visualizar que os mesmo não se encontram na fase que deveria estar de acordo com a sua idade e série que os mesmo se insere na referida

instituição, pois existe programas que defende que os discentes devem estar alfabetizado até o 3º Ano do Ensino fundamental e com 08 anos de idade como cita Cruz (2012, p. 21):

[...] para garantirmos o direito da alfabetização, na idade correta, a todas as crianças (meta II) precisamos ter dois indicadores que avaliem e monitorem a apropriação desse direito: um que verifique se a conclusão da 2ª série/ 3º ano está ocorrendo na idade correta (oito anos) (atualmente é o PNAD que faz esse monitoramento) e o segundo que seja capaz de medir a qualidade dessa alfabetização. Porém, ainda não há indicadores para mensurar a “qualidade da alfabetização”, pois a provinha Brasil é apenas um instrumento de monitoramento das aprendizagens.

Dos 34 discente que participaram do diagnóstico realizado apenas 02 discentes apresentaram está na fase silábica, neste caso é valido saber que as crianças nessa fase já começam a ter apropriação do sistema alfabético, como aponta Moraes (2012, p. 58): “A aparição de uma hipótese silábica significa, de fato, uma grande revolução no modo como a criança responde as questões **o que** e **como**. Com relação a primeira, ela passa, finalmente, a interpretar que o que a escrita nota ou registra é uma pauta sonora das palavras que falamos.”

Dessa forma entendemos que esses discentes estão na face que já tem a noção do sistema alfabético e que já sabem que cada sílaba correspondem uma letra do sistema, na qual eles na maioria das vezes escrevem a palavra pela quantidade de silaba, ou seja, pela sonoridade da palavra. Segundo a autora Cruz (2012, p. 91): “**Silábico**. A criança registra uma letra para cada segmento sonoro da palavra”

Sendo assim podemos dizer que os discentes que estão nessa categoria, são os que já estão saindo do pré-silábico com suas inseguranças nas palavras e na leitura, porém não tem ainda o domínio com a leitura e a escritas das palavras.

Os discentes diagnosticado na fase pré-silábica, foram 13 (treze), cujo algumas apresentava já conhecer algumas letras já outros colocava números com letras em algumas questões, mostrando está em um nível mais severo que os outros de compreensão do sistema alfabético. No que se refere a fase pré-silábica o autor Moraes (2012, p. 54), aponta que:

Aquilo que chamamos de fase ou etapa pré-silábica constitui, na realidade, um longo período, no qual, para a pergunta **o quê**, as variadas respostas que a criança vai elaborando têm em comum um desconhecimento: ela ainda não descobriu que a escrita nota ou registra no papel a pauta sonora, isto é, a sequência de pedaços sonoros da palavra que falamos. Uma coisa tão evidente para os indivíduos alfabetizados, e tratada pelos métodos tradicionais de alfabetização como um conhecimento que já estaria “pronto” na mente dos aprendizes, ou que bastaria ser a eles transmitido, vai ter que

ser redescoberta por todos os indivíduos que vivem em sociedade que usem escritas alfabéticas.

No caso dessa hipótese que os discentes apresentaram mostra que cada um tem um determinado nível diferente um do outro sendo que enquanto uns conhece as letras de alguma forma outro já não tem a ideia daquelas letras juntas e assim colocar letras aleatória e diz que realizou a palavra ditada, como nos mostra os autores Ferreiro e Teberosky (1999) et al. Apud Cruz (2012, p. 89):

Pré-silábico: não há compreensão de que existe relação entre escrita e pauta sonora. A criança muitas vezes a “lógica” da escrita nas propriedades do objeto significado. Pode apresentar algumas hipóteses, como a necessidade de variar a quantidade de letras de uma palavra para outra, variar as letras internamente na palavra e variar as letras entre as palavras. Muitas vezes essas crianças usam as letras do seu nome e podem apresentar escritas convencionais por as terem de memória. Quando utilizam letras, não há uma preocupação com o tipo ou ordem das letras na formação das palavras.

Os discentes que se apresentaram no nível pré-silábico aponta que são crianças e adolescentes, ou seja, que mais uma vez os mesmos não estão dentro da meta de alfabetizar na idade certa e série, porém sabemos que a culpa não está nos discentes ou docentes são de um sistema educacional como um todo como aponta Moraes (2012, p. 21): “Num sistema escolar tão excludente como o brasileiro, o fracasso na “série de alfabetização”, isto é, logo no ensino fundamental, tornou-se a principal marca de ineficiência de nossa escola.”

Essas foram uma explanação das quatro fase que foram encontradas na obtenção dos resultados do diagnóstico com as crianças e adolescentes da comunidade quilombola do Arrojado, que essas categorias por sua vez foram elaboradas com base nas discussões de Ferreiro e Teberosky, dessa maneira cita Moraes (2012, p. 52):

Embora na psicologia cognitiva tenhamos, desde os anos 1980, outros modelos psicológicos propondo que o aprendizado da escrita alfabética ocorre em estágios ou etapas, a teoria proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) nos parece ser o único modelo que seguimos uma preocupação piagetiana, busca explicar a gênese ou origem dos conhecimentos. Neste caso, trata-se de explicar de onde surgem as formas de compreender o SEA que a criança demonstra ter elaborado a cada etapa do processo de alfabetização.

Dessa maneira podemos visualizar que diante do diagnóstico realizado com as crianças e adolescentes os resultados das etapas do processo de alfabetização apontada são

que a maioria se encontra na fase pré-silábico e na fase de hipótese alfabetização. Na qual aponto no quadro abaixo cada nível de hipótese alfabética dos 34 discentes diagnosticado.

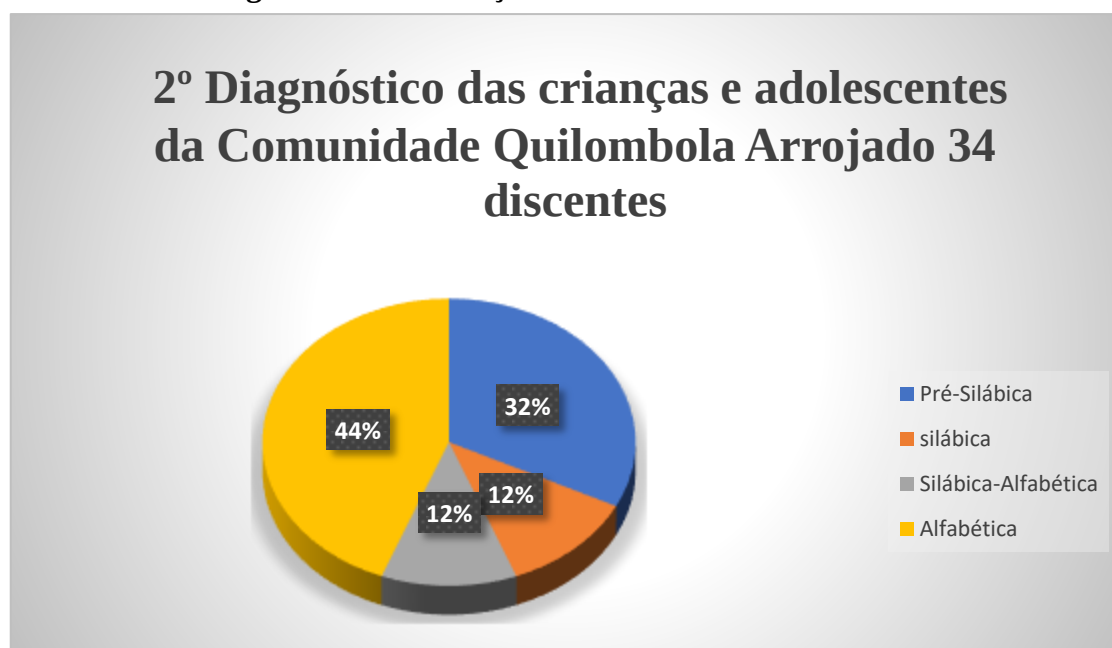
QUADRO 03. Total de discentes que participaram do diagnóstico

IDADE	ANO (SÉRIE)	HIPÓTESE DE ESCRITA
7 Anos	1º Ano	Pré-Silábico
7 Anos	1º Ano	Pré-Silábico
7 Anos	2º Ano	Silábico
8 Anos	3º Ano	Pré-Silábico
8 Anos	3º Ano	Silábico
9 Anos	3º Ano	Pré-Silábico
9 Anos	3º Ano	Pré-Silábico
9 Anos	3º Ano	Silábico-Alfabético
9 Anos	4º Ano	Silábico-Alfabético
9 Anos	4º Ano	Pré-Silábico
10 Anos	4º Ano	Silábico-Alfabético
10 Anos	4º Ano	Pré-Silábico
10 Anos	4º Ano	Pré-Silábico
11 Anos	4º Ano	Pré-Silábico
11 Anos	4º Ano	Pré-Silábico
12 Anos	4º Ano	Pré-Silábico
11 Anos	5º Ano	Silábico-Alfabético
12 Anos	5º Ano	Alfabético
14 Anos	5º Ano	Pré-Silábico
14 Anos	5º Ano	Silábico-Alfabético
16 Anos	5º Ano	Pré-Silábico
12 Anos	6º Ano	Silábico-Alfabético
12 Anos	6º Ano	Alfabético
13 Anos	6º Ano	Alfabético
13 Anos	6º Ano	Alfabético
14 Anos	6º Ano	Alfabético
12 Anos	7º Ano	Alfabético
13 Anos	7º Ano	Alfabético

13 Anos	7º Ano	Alfabético
15 Anos	7º Ano	Alfabético
16 Anos	7º Ano	Alfabético
17 Anos	7º Ano	Alfabético
19 Anos	9º Ano	Alfabético
19 Anos	9º Ano	Alfabético

Dessa forma realizei um gráfico identificando os resultados adquiridos com a coleta de dados do diagnóstico, ressaltando que foram quatro categoria abordada dentro da pesquisa realizada, que será apresentada com as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 02. 2º diagnóstico das crianças e adolescentes



O diagnóstico é importante para a pesquisa, pois mostra como está a fase alfabética das crianças e adolescentes se as mesmas estão conseguindo alcançar a alfabetização, e este é um instrumento de pesquisa que visa obter esses resultados. É válido salientar que o sistema educacional não está conseguindo alfabetizar as crianças de acordo com sua idade regular, como é caso dessas crianças e adolescentes pesquisados nesta instituição de ensino. Não podemos culpabilizar a escola muito menos os docentes sem conhecer as suas vozes diante dos dados obtidos.

4.1 ENTREVISTAS COM GESTOR/A E DOCENTES

Com esses resultados me dirigi a escola para realizar a terceira etapa da pesquisa as entrevistas com a gestora e os docentes da escola que participaram da mesma, que foi realizada no dia 17 de abril de 2019, no âmbito da Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, na qual recebe os alunos oriundos da comunidade quilombola Arrojado, cujo foco era identificar se a escola trabalhava atividades diferenciadas a respeito dessas crianças e adolescentes da comunidade.

A primeira entrevistada foi com a gestora da instituição na qual direcionei as questões para a mesma no intuito de saber quantos matriculados atualmente na escola a mesma me informou um número exato de 34 estudantes da comunidade inseridos na instituição.

Dentro desta entrevista da gestora pudemos visualizar pontos na qual não estavam presente nos meus objetivos de pesquisa. O primeiro tema levantado foi que a escola se mostra preocupada com os discentes da comunidade após elas saírem da instituição para ingressarem no Ensino Médio. A segunda temática foi a evasão por conta da gravidez na adolescência. A terceira temática foi voltada ao trabalho, na qual os discentes abandonaram o estudo em busca de trabalho em outras cidades.

A entrevista nos mostra na voz da gestora que a escola tem a preocupação com as alunas da comunidade em relação a continuidade dos seus estudos. A gestora cita em sua fala que até os dias atuais ainda procura os familiares da única aluna que continua estudando no Ensino Médio, das cinco que concluíram o Ensino fundamental há apenas uma que ainda estuda na cidade, concluindo o ensino médio como cita a Gestora (17 de abril de 2019):

“Não a repetência não é tanto, o que assim nos deixa mais triste é que por exemplo em 2017 a turma que concluiu o 9º ano tinha muitos alunos de lá, tinha umas alunas especificamente de lá, e a escola que ia receber elas entraram em contato com a gente que as meninas não tinham indo fazer a matrícula e com muita luta e muita peleja elas foram fazer a matrícula na cidade e depois nós ouvimos falar que dessas meninas que eram cinco apenas uma ainda está estudando, então assim é preocupante essa situação e sempre tem aqui e “acular” um de desiste e a gente sempre procura a família para tá incentivando, inclusive essa menina que ficou lá no Ensino Médio que foi a única que ficou eu sempre tenho contato com a mãe dela e sempre procuro assim tá incentivando a mãe, para a mãe está incentivando a ela também.”

A preocupação da gestora com as alunas nos revela ainda que apenas as adolescentes (sexo feminino) da comunidade por volta desses anos conseguiram concluir o Ensino Fundamental e que a escola se propõe a acompanhar essas discentes para que não ocorra

desistência, mas podemos visualizar que mesmo com esse acompanhamento da escola houve a desistência de 04 alunas.

A sua fala também nos faz refletir a partir de Paulo Freire (1987) que cita que precisamos de estar em compreensão com a realidade do alunado para que consigamos assegurar a aprendizagem, para que tenha o conhecimento da vida estudantil dos discentes da comunidade, e não somente como estudante mais como homens e mulheres em uma sociedade.

A discussão sobre a alfabetização parte de um contexto mais amplo para se chegar a um consenso dentro de uma escola e quando a gestão mostra estar preocupada com a vida estudantil das adolescentes da comunidade. Revela que existe uma relação para além da obrigação por parte das pessoas que compõe a escola na qual recebe esses discentes. Suas falas também indicam que nem todos os discentes da comunidade se encontram alfabetizados, e que a escola sempre procura incluir esses discentes nas atividades culturais realizadas (17 de abril de 2019):

“Bom a gente, na nossa escola, eu acredito que seja a escola do município que atenda mais os alunos quilombola, porque aqui na cidade de Portalegre existe três comunidades quilombolas, e assim a gente procura tá sempre incluindo eles com os outros alunos fazendo atividades de inclusão sempre trazendo a cultura deles, tem o reforço também que já é uma forma de estar ajudando na questão da aprendizagem, e é isso sempre valorizando, a escola sempre procura valorizar a cultura.”

É válido salientar que é preciso que se tenha uma boa educação, com a valorização de cultura para que a aprendizagem se desenvolva de maneira favorável para os discentes inseridos dentro da escola, como reflete Soares (2016, p.6), a respeito da afirmação e valorização de saberes históricos e culturais secularmente ausentes nos currículos escolares, se sintam contemplados com os assuntos tratado na instituição de ensino.

Logo após a entrevista com a gestora da instituição partir para a entrevista com o corpo docente da escola. Foram entrevistados sete (07) docentes da instituição que faço uso de nomes fictícios para que não venha a identificá-los, na qual responderam, perguntas específicas para os mesmos diferentemente da gestora, dos pontos no quais eu entrevistei irei focalizar nessas temáticas que foram relevantes para os objetivos da pesquisa inicial, os mesmos foram a respeito do nível alfabético; as atividades diferenciais e a inclusão e cultura dos povos afro-brasileiro.

Diante deste ponto venho abordar sobre a fase alfabética que os docentes falaram que os discentes se encontravam apontando que muitos deles não conhece nem o alfabeto, enquanto outros estão em um nível baixo como citou outro docente, dessa forma separei algumas das falas relevantes dos docentes para apresentar neste trabalho:

“Assim, tem desses que não sabe ler, tem facilidade com matemática que é uma coisa corriqueira do nosso dia a dia, essa questão de leitura e escrita eles tem um pouco de dificuldade, e assim eles não são desinteressados, são crianças ainda mais que o nível de aprendizado deles não é tão baixo, eles têm capacidade de aprender”. (Professor Edilson, 17 de abril 2019)

“Eu diria que pré-silábico, e até acho que um pouco de silábico, pré-silábico para silábico, tem poucos a turma esse ano mais ano passado tinha mais alunos, eles tinham muitas dificuldades nem pré-silábico eles num era, mal conhecia o alfabeto”. (Professor Túlio, 17 de abril 2019)

“É uns estão no pré-silábico outros alfabéticos né! Já leem, leem bem a minoria que ler a minoria, aí tem os casos dos especiais né! Que são portadores de laudo né, tem uns detectados e outros em análises.” (Professor Murilo, 17 de abril 2019)

“Eu diria que alfabético funcional, é exatamente o que o Ministério da Educação vem detectando ao longo dos últimos 10 Anos ou mais que eu não me recordo exatamente as pesquisas de quando começaram a serem feitas, que é isso, nós temos um Brasil alfabeto funcional não iam ser os quilombolas que chegariam totalmente alfabetizados, estão chega com a deficiência que o que seria o conceito de alfabetizada saber ler texto e interpretar textos, era mais ou menos esses conceito, e nem os quilombola e os não quilombolas estão ainda nesse nível na plenitude.” (Professor Augusto, 17 de abril de 2019)

Selecionei algumas falas dos Professores, na qual reconhecem que os discentes da comunidade não estão conseguindo se alfabetizar na idade regular. Os professores que responderam a entrevista são de Ensino Fundamental I e II. Os docentes apontaram que os níveis de alfabetização dos docentes ainda indicam uma apropriação inicial da escrita. Como está sendo mostrado na fala dos docentes e quando ele fala sobre esses níveis está se referindo a categorias, como apresenta Cruz, (2012, p. 86) que fala sobre como esses discentes se apresentam na forma de escrita para que o docente reconheça e qual fase alfabética os mesmos se encontram.

Também é explanado por um dos docentes que não apenas os alunos quilombolas, mas que os discentes da escola se encontram como alfabéticos funcionais, bem como os da rede de ensino como um todo, ainda precisam de melhoramento para que não tenhamos

alunos saindo do Ensino Fundamental com dificuldade de interpretar texto, ou até mesmo realizar uma leitura.

Quando trouxe outra questão sobre como era desenvolvida as atividades dos discentes da comunidade quilombola, alguns professores afirmaram que não havia distinção, logo porque a escola não trabalhava com planejamento específico apenas para a comunidade quilombola e logo eles se remeteram que buscam trabalhar de forma igual como mostra algumas das falas dos entrevistados:

Bem, eles desenvolvem atividades individual em grupo e assim quando a gente trabalha de forma coletiva eles, o rendimento é bem melhor, uma coisa que eu tenho muito cuidado é a questão, assim, do preconceito na sala de aula a discriminação, porque eles precisam unificar, até porque é, a gente olha a questão dos valores tem que perceber e valorizar a questão do respeito e a diferença do outro, isso aí é uma coisa que a gente trabalha muito, porque isso aí vai influir na aprendizagem deles. (Professor Edilson, 17 de abril de 2019)

Assim, eles fazem atividades igualmente aos outros, então eu passo uma atividade só um planejamento só para todos os alunos, e eles tão, os que estão esse ano comigo estão desenvolvendo bem as atividades de acordo com os outros, não tem distinção não de metodologia não, nesse sentido de aplicação de conteúdo eles estão seguindo normais. (Professor Túlio, 17 de abril de 2019)

Igualmente, igual é para um é para todos, não faz distinção não, só que eu quando dá eu faço assim, vou na cadeira de alguns deles ajudar, quando é possível porque minha turma é muito difícil, ela é muito assim, não é tão disciplinada é praticamente eu peguei uma turma assim, bem indisciplinada aí num tem condição deu fazer um atendimento individual a cada um deles se tivesse como seria bom, porque acho que ajudaria muito eles se desenvolver mais. (Professora Joana (17 de abril de 2019)

De acordo com as falas dos docentes os mesmos mostram ter a preocupação de não repassar que a escola tem preconceito na questão de trabalhar com os discentes da comunidade quilombola.

Dessa forma os docentes mostram que buscam sempre inserir essas crianças em trabalhos coletivos para não apresentar um preconceito em relação as turmas que os mesmos estão inseridos. E quando os docentes trabalham com esses pontos em sala, faz com que não aconteça preconceito na escola.

Diante desta pergunta busquei também saber se existe atividades diferenciadas para os discentes que segundo os professores se encontrava em um nível baixo em relação aos demais discentes, na qual busco saber se os mesmos fazem suas interferências através de metodologia

própria ou se trabalha de acordo com o seu planejamento anual mesmo se as metodologias trabalhadas não consigam alcançar o seu objetivo geral. Dessa maneira trago as entrevistas de alguns discente em relação a essas atividades diferenciada se os mesmos trabalham em suas aulas:

Assim, como falei antes é quando a gente percebe que o aluno está tendo mais dificuldade que outros, porque a gente já tem um histórico lá da comunidade quilombola que eles tem uma dificuldade de aprendizagem uma grande parte tem deficiência né, alguns tem deficiência então a gente procura da melhor maneira, como já falei metodologias né atividades lúdicas, atividades mesmos diferenciadas na sala de aula, faz quando ver necessidade, eu faço um planejamento só mas eu posso fugir daquela minha rotina quando eu percebo que posso aplicar outro tipo de conteúdo, entendeu. (Professor Túlio, 17 de abril de 2019)

Não tem porque, se tivesse você teria um planejamento anterior, como eu já diz que não existe um planejamento específico também não há um direcionamento de atividade específica também, porque a concepção que eu tenho é partindo do princípio que dentro da escola todo mundo é igual o tratamento é igual em todos os aspectos que trata da educação. (Professor Augusto, 17 de abril de 2019)

Assim existe uma atividade diferenciada mais por iniciativa minha porque foi um diagnóstico que eu fiz depois que entrei eu vi que não adiantaria fazer um trabalho semelhante aos que o professor na sala de aula regular, teria que propor algo diferente. (Estagiário Roberto, 17 de abril 2019)

Alguns dos docentes entrevistados falaram como no exemplo citado que sempre buscava outras metodologia e fazia uma atividade diferenciada para aqueles discentes que ele julgava que estava em uma hipótese de escrita iniciante, em relação a sua idade e série. Já outros professores falaram que não realizava nenhum tipo de atividade diferenciada durante as suas aulas julgando que se não havia planejamento específico, não era preciso atividades diferenciada para os discentes.

Dessa maneira é válido salientar que um dos docentes na parte das atividades diferenciadas para os discentes da comunidade o mesmo fala que realizar somente quando existe a necessidade em sala de aula, já outro aponta que a foi através do diagnóstico realizado por conta própria que começou a trabalhar com essas atividades diferenciadas.

Neste diálogo pode ser visualizado que essa ideia dos discentes estarei no nível de dificuldade, no modo de inferioridade já é um histórico da escolar por outros discentes em pesquisa passa relatar em suas falas anteriores a esta como cita Santos (2015, p. 76):

Retomando os relatos, no tocante às comparações entre as capacidades, as habilidades e as disposições à aprendizagem de alunos quilombolas e não

quilombolas, as imagens formuladas pelos professores dos alunos passam a ser estereotipadas, inserindo-os num grupo de sujeitos estigmatizados. Ao fazer isso em relação ao desempenho do aprender desses alunos, corre-se o risco da generalização, uma vez que os alunos de outras comunidades recebidas pela escola apresentam o mesmo perfil de desinteressados e que também apresentam dificuldades na assimilação dos conteúdos e na aprendizagem, considerada lenta.

Dessa maneira vemos que além da preocupação do docente com a sua metodologia com os discentes, vejamos que ele mostra as dificuldades que esses discentes apresentam em relação a aprendizagem desenvolvida na escola, pois essa dificuldade se revela na obtenção dos dados do diagnóstico na qual apresenta discentes com nível mais atrasados em relação a sua idade regular.

Já o outro docente vem a dialogar que para ele não é necessário, realizar atividades individualizadas, pois sempre recorrer que se todos são iguais as atividades são todas iguais sem distinção, mostrando que ele somente cumprir os planejamentos da escola, sem aplicar outras metodologias diante da realidade vivenciada por parte do alunado.

4.2 OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA

A quarta etapa da pesquisa é as observações em sala de aula que ocorreu entre os dias 02, 04, 05 e 06 de fevereiro de 2020, na Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, localizada no Sítio Bom Sucesso. As salas observadas foram a do 5º ano turma regular e 1º, 2º e 3º ano turma multisseriada.

Todas essas salas observadas eram espaçosas, contendo ventiladores e janelas que se tornava bastante clara e ventiladas. A sala que estava inserida a turma do 5º Ano, as cadeiras se encontrava em círculos, que nos mostra um pouco da metodologia do professor e também a sua autonomia em sala de aula.

Já a sala do 1º, 2º e 3º Ano, uma sala multisseriada as cadeiras estava organizada em fileira e a forma como a turma era dividida foi um dado que também observei, que de um lado estava as meninas e do outro os meninos, também foi observado que sempre os discentes se sentam no mesmo lugar na sala.

É válido ressaltar que todos os nomes dado para os docentes são Fictícios, mesmo tendo a autorização de todos eles para a divulgação dessas entrevistas e observações em sala de aula, dessa forma para cada docente usarei nomes que não seja possível identificá-los.

A turma do 5º Ano observada contava com o número de 12 alunos, sendo 08 da comunidade quilombola do Arrojado, a turma do 5º ano, em 2020 mudou de docente em

relação a entrevista na qual apresentei que foi com docente Edison, já neste ano é o Professor Murilo no qual na época da entrevista lecionava o 4º Ano, ou seja, o docente está trabalhando com a mesma turma que ele lecionou no ano de 2019.

A turma multisseriada do 1º, 2º e 3º ano, contava com 28 discentes sendo 08 da comunidade quilombola do Arrojado, essa turma seriada foi formada neste ano de 2020, porém foi o docente Túlio que ficou responsável por esta turma, cujo mesmo no ano de 2019 estava lecionando a turma multisseriada só que somente 1º e 2º ano e agora aumentou mais uma série para o docente lecionar.

Dessa maneira irei apresentar os resultados da observação em sala de aula iniciando na turma do 5º ano cuja mesma foi realizada nos respectivos dias letivos 02 e 04 de fevereiro de 2020. Ao chegar na escola, busquei novamente a secretaria para reforçar o que já havia falado com a gestão e com alguns docentes sobre a realização das observações em sala de aula eles já sabiam que a qualquer momento no decorrer da minha pesquisa poderia aparecer na escola. Chegando na escola falei novamente com a secretária da instituição, para saber qual era a sala do 5º ano e se o professor poderia me receber naquele dia. a secretária se direcionou até a sala e avisou o professor que falou que eu poderia entrar na sala e fica à vontade.

Ao entra na sala a maioria dos discente me conhecia por eu ser da comunidade deles e os mesmo ficaram muito felizes com a minha presença na sala, o professor enfatizou que eu já tinha me apresentado no ano passado e neste caso dispensou as apresentações formais, dessa forma comecei a minha observação, sentei-me em uma das cadeiras vazias que estava na sala de aula, os alunos estavam sentados em círculo que possibilitava ficar observando todos ao mesmo tempo.

Neste dia a sala de aula contava com 08 discentes, porém o docente falou que a mesma conta 12 discentes, desses 08 presentes apenas 02 não fazem parte da comunidade quilombola Arrojado, na qual o docente enfatizou que diferentemente dos alunos da comunidade esses alunos estão mais avançados na questão da leitura e escrita.

No entanto ao começar a aula o docente pediu que a turma realizasse leituras de livros paradidáticos. Na sua turma conta com um auxiliar de sala, que ajudava a um discente realizar a leitura (o discente diagnosticado como autista se encontra na hipótese pré-silábica de acordo com o diagnóstico aplicado nesta pesquisa). Enquanto a turma realizava a leitura, o discente que estava sendo acompanhado pelo estagiário estava em um local mais afastado dos demais, porém alguns dos discentes pediam para que o estagiário também ajudasse a eles com a leitura.

O professor passava pelas cadeiras do discente pedindo que eles realizassem a leitura. Um dos discentes no qual realizou o diagnóstico, apresentou que já havia avançado a respeito da leitura, realizando uma leitura mais fluente do que a realizada no último diagnóstico. Os livros que o docente trabalhava ficava em um armário na própria sala de aula, que facilitava a busca pelo melhor material de acordo com as hipóteses de escrita.

Durante a leitura dos livros paradidáticos o docente foi passando pela cadeira de cada discente para ajudar com a leitura. Observava se o livro que os discentes estavam realizando a leitura condizia com as condições de leitura dos mesmos, ele reclamou que o livro que um dos discentes estava realizando a atividade, tinha pouca leitura o mesmo já podia realizar a mesma com um livro que contivesse mais texto:

A1: professor venha aqui para ver minha leitura?

P1: você já sabe ler procure outra leitura maior.

Com essa fala do professor pude observar que o docente trabalha a sua metodologia de acordo com as preocupações de adequações de aprendizagem de cada discente procurando sempre mostrar seus pontos positivos e assim os discentes e encontrando a forma mais dinâmica de aprendizagem.

Identificamos que o docente coloca o estagiário para atender os discentes que apresentam as hipóteses mais iniciais de escrita . Na sala observada, os alunos nessas condições eram três: o aluno diagnosticado como autista e mais dois discentes que se encontravam fora de faixa etária, dos quais uma discente tem 14 anos e outro discente tem 16 anos e estão matriculados no 5º ano.

Um momento muito interessante da observação quanto o docente passou uma atividade e pediu que uma das discentes que não era da comunidade quilombola ajudasse a aluna que se encontrava fora de faixa a realizar sua atividade. Elas se sentaram juntas fora do ciclo que era formado no meio da sala e foram realizar a atividade passada pelo discente foi no momento que ele saiu do seu birô e foi até a cadeira que eu estava e falou o seguinte:

Olhe os alunos que não são da comunidade tem um desenvolvimento maior do que do Arrojado, veja essa aluna ela é bem desenvolvida, já tem condição de estar, até em uma série mais avançada. (Murilo, 02 de março de 2020)

Depois dessa fala, o docente voltou para o seu birô e leu o texto e logo após a leitura pediu que os discentes escrevessem algumas palavras relacionada ao texto e do seu cotidiano, buscando sempre contextualizar com a realidade dos mesmos.

Diante dessa fala vejo que o professor quis me mostrar que pelo fato de as crianças quilombola vivenciarem uma realidade diferente, elas não estão conseguindo acompanhar a aprendizagem no ritmo dos alunos não quilombola. Dando a entender na fala do docente que o seu lugar social interfere na sua aprendizagem dentro da instituição de ensino.

Logo após a discussão do texto o professor chamou o aluno 1 para escrever no quadro a palavra padre:

A1: PADRI

P1: está correto turma?

T: não, se escreve com E no final.

P1: agora venha aluno 3 escrever a palavra Cabaça

A2: caBasa

A1: professor, está errado porque não escreve palavra maiúscula no meio de minúscula.

P1: então venha A1 escrever no quadro.

A1: cabasa

P1: venha agora A3 e A4 fazer esse nome se você achar que está errado.

A3: cabasa

A4: cadassa

A1: professor, já sei estar errado

P1: pois, escreva o certo.

A1: cabaça

Em seguida os alunos escreverem essa palavra o professor ressaltou que os mesmos observassem melhor os sons de cada palavra e a sua escrita, pois existia muitas palavras que tem o som de uma letra e se escreve com outra.

Essa metodologia usada pela discente forma de grande valia para que os discentes desenvolvam a alfabetização e a escrita, pois sempre um discente se esforçava para que não cometesse erros na frente de seus colegas e professor.

Além dessa atividade o docente pediu para os alunos abrir a matéria de Língua Portuguesa e em seguida escreveu um texto no quadro para a turma transcrever em seus cadernos, e depois encontrar as rimas presentes no texto, na qual uma discente perguntou para o professor o que era uma rima, que fez ele relembra a aluna que aquele assunto foi trabalhado no ano passado, porém ele fez um resumo novamente para que a aluna pudesse entender e conseguisse responder o que foi passado.

Nas palavras que os discentes não sabiam ou não entendia por conta da sua própria escrita no caderno os mesmos recorriam ao professor e a maioria para o auxiliar de sala

presente, na qual os mesmos ajudavam fazendo com que eles entendessem o porquê daquelas rimas.

E por fim o docente passou a última atividade para que os discentes completassem as palavras escritas no quadro e também o docente escolheu algumas palavras para os alunos forma frases, porém não foi possível observar todas as respostas dos discentes, pois o horário da aula teve fim ficando para os mesmos entregarem no dia seguinte.

Dessa forma pude visualizar que o docente fez uso de várias metodologias com os seus discentes, que apresentou um ótimo trabalho diante da turma, porém visualizei que ainda tem em sua turma discentes que apresenta uma hipótese alfabética baixa em relação a sua idade. E que a maioria deles são da comunidade quilombola Arrojado.

Com a fala do docente a respeito da aprendizagem dos discente e válido salientar que não é somente esse docente que na sua fala apresenta que os discentes da comunidade no seu histórico na escola sempre vão apresentar um nível baixo em relação a alguns discente por serem de outra comunidade.

No segundo dia de observação que foi realizada dia 04 de março de 2020 na turma do 5º ano, o docente não pode estar presente em sala, porém mandou um colega que se chamava Marcos (nome fictício) no seu lugar e mandou avisa a turma que não podia estar presente, o seu colega falou que o docente repassou todo o conteúdo que seria trabalhado durante a aula, o mesmo não me informou o motivo do docente não ter indo a aula, apenas falou que foi de última hora que o mesmo ligou pedindo para que fosse para escola ministrar a aula em seu lugar.

Após o aviso Marcos que apresentava já ser conhecido por toda a turma se apresentou para mim e perguntou o que eu estava fazendo na sala e respondi que estava realizando uma observação na turma que fazia parte da minha pesquisa para o TCC.

Logo após a apresentação Marcos pediu que os discentes realizassem a leitura do livro paradidático, porém alguns discentes falaram para o mesmo que estavam terminando a atividade de Matemática passada na aula anterior pelo docente da turma. Enquanto alguns terminavam a atividade outros realizava a leitura.

Os que estavam terminando a atividade de Matemática, foram até a minha cadeira e pediu que eu passe o visto em seu caderno me considerando como se já fosse a professora deles, porém falei para o mesmo que não podia, pois só estava observando a aula deles e não como professora naquele momento, mesmo assim o discente insistiu para me passa o visto e foi até a cadeira do professor substituto para pergunta se eu podia passar o visto e ele falou que eu podia e assim eu passei o visto nos cadernos dos mesmos.

E todos os alunos que terminavam a atividade não queriam o visto do professor substituto apenas o meu, e assim eu atendi o pedido dos mesmos, já que o professor substituto falou que não haveria problema.

E por fim a última atividade passada foi o recorte de palavras de revista para formar um pequeno texto que tivesse pelo menos 15 palavras e o docente da turma orientou que não podia ser recortado textos prontos das revistas apenas palavras que quando colada no caderno tivesse coerência, o professor substituto ao visualizar o andamento das atividade dos discente em sua cadeira observou algo em comum de alguns alunos e falou: “É para fazer um texto e não colar palavras soltas que não forma texto coerente.”

Dessa forma identifiquei a partir da fala do professor substituto que os alunos não estavam realizando as atividades como esperado que o nível alfabético de alguns alunos ainda não estava adequado para a idade e série dos mesmos.

Portanto pude perceber que o professor apresentou várias metodologias para serem trabalhadas em sala de aula com os discentes por mais que exista essa porcentagem de alunos que ainda não conseguiam formar textos coerentes, mesmo encontrando-se no 5º ano que é uma série que se espera que o aluno compreenda e consiga realizar pequenos textos.

O terceiro dia de observação aconteceu no dia 05 de março de 2020, na turma multisseriada 1º, 2º e 3º, que estava sendo ministrada pelo docente Túlio, que me recebeu muito bem e ao entrar na sala de aula o docente pediu que eu me apresentasse a turma já que ele já sabia, qual era o meu objetivo de esta naquela turma, me apresente dizendo meu nome, o curso e explicando a minha finalidade de esta naquele espaço que era uma pesquisa para o meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Durante este dia foi observado uma turma multisseriada, na qual conta com 28 alunos sendo 08 da comunidade Quilombola Arrojado. A turma também contava com auxiliar de sala, após minha apresentação o professor da turma ressaltou um problema em relação a alfabetização das crianças da comunidade pesquisada na turma do mesmo, na qual ele falou que era pouca a frequência desses alunos quilombolas durante as aulas, ressaltando que isso acontece todo o ano letivo.

O professor ainda ressaltou que tem um determinado aluno da comunidade pesquisada que só esteve presente este ano na aula 02 dias durante 02 semanas de aulas, um exemplo que o professor apresentou para justificar a baixa frequência desses discentes, o que segundo ele atrapalhava no aprendizado dos mesmos.

Em relação a essa fala do docente é valido salientar que quando o aluno não vai à escola é dever da família incentivar para que aconteça a garantia da frequência em sala de

aula. Porém sabemos que é dever da escola procurar fazer que esse aluno consiga alcançar a alfabetização durante os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Após esta conversa de início de aula o professor começou a lecionar com uma leitura de uma história e depois pediu a turma para falar sobre o que dizia a história, na qual os alunos/as fez uma ótima interpretação junto com o professor que contextualizou o texto para a realidade dos discentes, foi uma forma de chamar a atenção do aluno para o que o professor estava lendo quando o mesmo usou a realidade desses discente para dentro da história.

Logo após houve uma pequena encenação da história de chapeuzinho vermelho, no qual os discentes já haviam sido escolhidos em aulas anteriores para os referidos personagens, apenas o narrador que foi escolhido durante a aula, cujo mesmo foi um discente do 3º ano, que fez a leitura bem fluente, que me chamou muito atenção.

Ao concluir a atividade anterior o docente logo começou a escrever no quadro que antes de tudo o mesmo dividiu o quadro, escrevendo de lado apenas de letras de fôrma e do outro letra cursiva, escrevendo **nome da escola, a turma, e o nome do professor e aluno**. Notei que haveria essa divisão por conta de a turma ser multisseriada, seja, o trabalho desse professor é em dobro em relação a quem trabalha com apenas uma turma, pois é mais de um planejamento por aula e que requer mais tempo do docente específico.

Enquanto o docente esperava que a turma transcrevesse para o caderno, chamava os alunos do 1º e 2º Ano, para sua mesa e pedia para que os mesmos realizassem a junção de letras para formação de sílaba.

P2: B e A

A: BÂ

P2: B e I

A: BI

P2: ótimo pode voltar para sua cadeira.

Quando todos terminaram de escrever o que estava no quadro o docente escreveu um poema no quadro e pediu para que cada aluno que ele escolhesse da turma do 3º ano realizasse a leitura de uma estrofe do poema. E logo após a pausa para o intervalo o docente junto com apenas os alunos do 1º e 2º ano fizesse a soletração das palavras, porém sempre algum aluno do 3º ano falava a palavra quando o docente estava começando a soletrar.

Com essa interrupção os discentes das outras turmas apenas repetiam a palavra que o outro discente falava, fazendo com que o aluno não completasse sozinha a compressão daquela atividade passada pelo professor.

Entretanto pude perceber que o professor buscava envolver toda a turma nas atividades de sala de aula, e tem uma metodologia muito boa, por mais que ele tenha uma turma multisseriada, e para mim foi uma experiência incrível poder observar uma turma multisseriada, já que como aluna do Ensino Fundamental I estudei em uma turma que era multisseriada, na qual foram 3ª e 4ª série que estudei, a diferença que na escola são 03 anos juntos, e neste caso requer mais esforço do docente.

O quarto dia de observação desta última turma aconteceu no dia 06 de março de 2020, na qual o docente começou a aula contando uma história bíblica que falava sobre o dilúvio, porém ele teve que interromper, pois uma discente estava se sentindo mal, e queria ir para junto de sua irmã que estudava em outra sala, ao sair da sala a discente, o professor continuou a história, após a mesma ele fez pergunta referente a história e os mesmos responderam corretamente.

Em seguida pediu que a turma realizasse um desenho que simbolizasse o dia internacional da mulher, que os alunos perguntaram o que seria o desenho, onde o professor explicou: “é algo que vocês acham que representa uma mulher” e um dos alunos respondeu: “uma flor”, e assim cada um que se encontra na aula fez um desenho e pintou em alusão ao dia da mulher que se comemora no dia 08 de março.

De acordo com o comentário do professor na aula passada sobre a baixa frequência dos discentes da comunidade quilombola Arrojado, consegui perceber que realmente existe essa pouca frequência por parte dos discentes da comunidade, na qual são 08 discentes matriculado na turma apenas 04 se fazia presente durante a minha observação neste dia.

E assim eu pude visualizar o que o professor estava me repassado sobre o que surgiu na sala de aula daquela turma em relação os discentes da comunidade quilombola do Arrojado.

Ao finalizar a aula do professor tive uma conversa com ele. Na ocasião, perguntei “Quais são os instrumentos que você utiliza para o acompanhamento das escritas dos alunos?” Ele respondeu que faz a utilização de um caderno de anotações e quando chama o aluno para vir à sua mesa para ver em qual nível ele se encontra e faz as anotações.

Dessa maneira ele falou que com esse dado vai selecionar os alunos que são mais atrasados uma aula de reforço no qual com a ajuda do auxiliar de sala. Vai levar esses alunos para uma sala diferente dos demais para focar mais na alfabetização dos mesmos. O professor também falou que nos anos anteriores só lecionava a turma do 1º e 2º Ano, somente neste ano houve essa mudança para 03 anos em uma única sala.

Portanto podemos ver o cuidado que o professor apresenta diante da sua turma, por ser uma turma multisseriada, que também está sendo um desafio para o mesmo já que nos anos anteriores era apenas 02 Anos em uma sala. Entretanto a escola só apresenta essa turma multisseriada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a apresentar dados a respeito da alfabetização das crianças e adolescentes da comunidade quilombola Arrojado, localizada no Município de Portalegre/RN. A partir desses dados pudemos ampliar nossos conhecimentos sobre a comunidade e o acesso à alfabetização pelos discentes. Os diagnósticos realizados com esses discente, as entrevistas com gestores e docentes da Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, bem como as observações de aulas foram de grande valia para compreensão dos processos de alfabetização instituídos.

Os diagnósticos apresentados dentro do trabalho nos revelam quais as hipóteses de escrita alfabética os discentes quilombolas se encontravam. Dessa maneira foi possível concluir que a maioria desses discentes não chegavam a se alfabetizar na sua faixa etária, uma das hipóteses desses casos de muitos se encontrarem sem ler e escrever o professor cita que seja a baixa frequência nas aulas.

Com isso foi importante a realização desse diagnóstico para a realização das duas outras etapas da pesquisa. As entrevistas e as observações em sala de aula, colaboraram para nos indicar as fragilidades do processo e as preocupações do corpo escolar sobre este.

Com os resultados das entrevistas dos gestores e os docentes concluímos que a escola possuir um olhar sensível para os alunos da comunidade e que na voz da gestora ela busca estar sempre presente na vida estudantil tanto dos discentes que se encontram matriculados como os que já são egressos da instituição. E essa visão é importante para sabermos que a escola nesta pesquisa apresentou está mais presente na comunidade.

Já nas entrevistas com os docentes foi possível concluir que alguns usam de metodologias diferenciadas quando percebem a necessidade diante das hipóteses de escrita de cada aluno. Consideram que um grupo heterogêneo de discentes não interfere no seu planejamento para contemplar a necessidade específica de um certo grupo de discentes.

Com as observações foi possível compreender a prática dos docentes, como realizam suas ações em sala de aula. E esses momentos foram ricos de aprendizagem, pois foi neles

que percebi que os docentes acompanham o desenvolvimento dos processos de aprendizagem da escrita dos discentes, preocupando-se com o alcance destes à fase alfabética.

Dessa maneira esse trabalho expõe, resultados de uma pesquisa que teve muita significância para minha vida acadêmica e pessoal, pois pesquisei sobre a alfabetização da comunidade quilombola na qual resido, e mostrei que em plataforma como SciELO não apresenta trabalhos com essa temática, sendo assim uma pesquisa de grande valia para o meu crescimento acadêmico.

Podemos concluir que o objetivo da pesquisa foi alcançado, e que é de grande importância pesquisar sobre as aprendizagens de comunidades quilombolas, já que geralmente se encontram longe dos grandes centros urbanos e não são discutidas nos eventos nacionais sobre alfabetização.

Dessa maneira a alfabetização de comunidades quilombolas, precisam continuar como bandeira de luta, já que sempre fomos povos excluídos da sociedade precisamos ter um olhar investigativo voltado a essas comunidades quilombolas.

A escola deveria ser localizada dentro da comunidade quilombola, para que esta comunidade ganhasse mais visibilidade e os alunos não precisasse se deslocar para outra comunidade para conseguir ter direito a educação. A escola Mesmo não sendo localizada em territorialidade quilombola, mas que recebe essas crianças e adolescentes dessas comunidades devem trabalhar de forma mais presentes com esse público para que eles se sintam com pertencimento maior, no lugar que eles vivem.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício. CONCEITOS, NORMAS E NÚMEROS: UMA INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p.107-142, abril. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/3454>>. Acesso em: 16 set. 2019

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma Educação do campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 2 p. 67-86

BAWER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002, 516p.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; NOVELLINO, Maria Salet. **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000**. Rio de Janeiro: Ence; IBGE, 2002.

BRASIL. **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: 03 dez. 2020.

BRASIL. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Brasil: MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03 dez. 2020.

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais**. Brasília: MEC/Secad, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

BRASIL, Serviço Público Federal – Ministério da Educação. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo - UFERSA**. Mossoró/RN, 2013. (Disponível na instituição de ensino ou <<https://ledoc.ufersa.edu.br/wpcontent/uploads/sites/52/2014/09/Educa%C3%A7%C3%A3o-no-campo-2013.pdf>>). Acesso em: 27 jul. 2020

CALDART, Roseli Salete. A Escola do Campo em Movimento. In ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma Educação do campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 3 p. 89-131

CALDART, Roseli Salete et al (Org.). **Dicionário da educação do campo**. 2. Ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Expressão Popular, 2012. 289p. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2019

CARVALHO, Marcelo Pagliosa. **História da educação da população negra: o estado da arte sobre educação e relações étnico-raciais (2003-2014)**. **Educar em Revista**, [S.L.], v. 34, n. 69, p. 211-230, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.57236>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-211.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

CRUZ, Magna do Carmo Silva. **Tecendo a alfabetização no chão da escola seriada e ciclada: a fabricação das práticas de alfabetização e a aprendizagem da escrita e da leitura pelas crianças**. 2012. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional “Por Uma Educação do Campo”. in ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 1. p. 20-63.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana (1985). **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana M. Linchestein et al. Porte Alegre: Artes Médicas.

FERRARO, Alceu Ravello. Alfabetização Rural no Brasil na Perspectiva das Relações Campo-Cidade e de Gêner. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 943-967, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/13.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências** Revista Brasileira de Educação, vol. 17, núm. 50, maio-agosto, 2012, p. 369 a 383 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Rio de Janeiro, Brasil.

MORAIS, Artur Gomes de. **COMO EU ENSINO: SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA**. São Paulo: Melhoramento, 2012. 186 p.

MORAIS, Glória Cristina de Oliveira. **Entre parentes** :cotidiano, religiosidade e identidade na Serra de Portalegre/RN. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/13797>. Acesso em: 24 jun. 2020.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Terra e trabalho em perspectiva histórica: um exemplo do sertão nordestino** (Portalegre-RN). Caderno de História, Natal, v. 6, n. 1, p. 5-41, jan/dez. 1999.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017

SANTOS, Maria do Socorro dos. **COTIDIANO E APRENDIZAGENS DE ALUNOS QUILOMBOLAS DO ARROJADO - PORTALEGRE/RN**. 2015. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais e Humanas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte., Mossoró, 2015. Disponível em: http://www.uern.br/controladepaginas/ppgcishdisserta%C3%A7%C3%B5es/arquivos/2963maria_do_socorro_dos_santos.pdf. Acesso em: 24 jun. 2020.

SILVA, Fábio Dantas de S. **CURSO PEDAGOGIA DA TERRA: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO NA BAHIA**. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. **Anais [...]** . Florianópolis: Anped, 2015. p. 1-18. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt03-3542.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Educação escolar quilombola: reafirmação de uma política Afirmativa**. Curitiba/Paraná. ANPED, 2016, p. 1-19. Disponível em < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dissertacoes_teses/artigo_edimara_goncalves_soares.pdf> Acesso em: 21 dez. 2018

SOARES, Magda. **LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: AS MUITAS FACETAS***. Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação, v. 25, 3 out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2019.